

Res 39341/2

R I V A E S  
O U  
D I A L O G O M O R A L  
D E  
P L A T ã O  
S O B R E A F I L O S O F I A

Traduzido de Grego em linguagem Portugueza  
e illustrado com Escolios, e Anotações  
Criticas, e dirigido

A

ILLUSTRÍSSIMA E EXCELLENTÍSSIMA  
S E N H O R A

D. HENRIQUETA MARIA  
JULIA DE MENEZES  
DUQUEZA DE ALAFOES  
Cet.

P O R

LUIZ ANTONIO DE AZEVEDO  
L I S B O N E N S E.



L I S B O A  
N A R E G I A O F F I C I N A T Y P O G R A F I C A.  
A N N O M. DCC. XC.

Com licença da Real Meza da Commisção Geral sobre  
o Exame, e Censura dos Livros.

*Audiamus enim PLATONEM, quasi quem-  
dam Deum philosophorum.*

Cic. de Natur. Deor. L. II. c. 12.

## SENHORA

**O** Mais attendivel, e relevante Dialogo, que entre as diferentes classes de outros muitos verdadeiramente famosos, e recommendaveis, deixou á Posteridade a sublime penna do divino Platão, para lhe prescrever, e intimar quaes fossem os limites da necessaria, e util Sciencia, em que se devião instruir os Amantes da Litteratura na rapida carreira da vida, he sem controversia o presente Discurso, que ou verdadeiro, ou fingido refere o mesmo Fundador da antiga Academia passára entre Socrates, e,

ao que se julga, Demócrito Ab-  
derita, e mais certo Athleta na  
pública Aula de hum Grammati-  
co em Athenas; e que eu tenbo a  
immortal, e singularissima honra  
de offerecer a V. EXCELLEN-  
CIA. No assumpto pois dos ou-  
tros Dialogos ver-se-ha Platão  
concluindo já por exemplo no Hip-  
parco ser innato ao homem o ap-  
petite do Bem: já pintando no  
Meno a belleza da Virtude: hu-  
mas vezes propondo no Crito a  
Rectidão, que devem observar os  
mortaes nas suas acções: outras  
com a subtileza rara do seu enge-  
nho estabelecendo no Fédo a im-  
portantissima doutrina da Immor-  
talidade d' alma: em summa to-  
mando em todos com particular  
escolha materias dignas de cedro,

e não se esquecendo outrosim de sempre derramar nelles a graça, e as fontes da sua facundia, e magestosa eloquencia. Porém neste precioso Entretenimento admirar-se-ha o dito Filosofo inculcando a Sciencia, que segundo a ordem, e o distincto gráo das suas jerarquias tem obrigação todos de aprender, para chegarem fim a lucrar o Bem, mas o verdadeiro; conseguir a Virtude, porém a solida; exercer a Rectidão com a mais pontual, e diligente observancia; e por fim antepôr aos caducos, e falsos prazeres da vida mortal a posse da venturosa Immortalidade, não tratando mais que de alcançar deste modo com as suas applicações, e estudos a propria dita, e promover ao mes-

mo passo , como zelosos Membros della , os interesses da Republica , e o adiantamento do Estado.

Sendo pois o objecto desta Conversação de Socrates a cultura das Artes , e Sciencias indispensavelmente necessarias ao ministerio , e graduação das pessoas Politicas , a quem devia eu consagrar hum Dialogo tão admiravel , como este , senão a V. EXCELLENCIA , que logo depois de sabir das mantilhas , ou , para melhor dizer , já desde o berço principiou a ser no meio de tanta vigilancia creada aos peitos da Escola , e doutrina de seus egregios , e nobilissimos Progenitores com a instrucção devida , e correspondente ao esplendor de seu alto Nascimento , e Ascendencia  
tão

tão remontada, e gloriosa? E a quem podia eu com eleição mais acertada offerecer as producções do abalizado talento de hum Filosofo; que tanto concorreo da sua parte ha mais de vinte e dois seculos para o progresso das Sciencias, lançando as primeiras pedras fundamentaes daquella antiga Academia, senão a V. EXCELLENCIA, que actualmente se acha com ardente zelo animando, e favorecendo ao lado de seu prezadissimo, e Excellentissimo Esposo as fadigas Litterarias de outra sem comparação mais erudita, e respeitavel Academia de Sciencias, de que o mesmo Illustrissimo Consorte de V. EXCELLENCIA he tão benemerito Presidente, e a nossa Augustis-

si-

*sima Soberana honorificentissima*  
*Proteçtora ? Todos estes motivos*  
*erão já bastantes para me não ser*  
*estranhado tomar a innocente con-*  
*fiança de pôr aos pés de V. EX-*  
*CELLENCIA o presente Opus-*  
*culo.*

*Mas ainda o meu natural,*  
*e sincero reconbecimento me está*  
*dictando, e suggerindo nesta Of-*  
*ferta outra razão muito mais*  
*abonada, e poderosa. Eu, SE-*  
*NHORA EXCELLENTIS-*  
*SIMA, já na Dedicção de ou-*  
*tra similhante Obra, qual foi a*  
*das minhas Annotações sobre o*  
*Manual de Epictéto, eximio Fi-*  
*losofo da Antiguidade, tive o*  
*summo prazer de testemunhar os*  
*seus sentimentos do meu agrade-*  
*cido animo á rara benevolencia, e*  
*can-*

candura , que sem merito algum  
meu experimentára no paternal  
acolhimento do mesmo Illustrissimo  
Esposo de V. EXCELLENCIA,  
a quem por isso devo , e deverei  
sempre toda a memoria. Porém,  
como ao depois , mediante o sa-  
grado vinculo do Matrimonio , e  
juntamente pela união das duas  
antiquissimas , e nobilissimas Casas  
de Alafões , e Marialva ficasse  
V. EXCELLENCIA legitima  
herdeira de tudo quanto em Di-  
reito por este titulo lhe pertencia,  
e por consequencia credora dos  
meus , ainda que nunca assás cor-  
respondentes , obsequios ; a quem  
havia eu de offerecer , disse pou-  
co , de pagar este devido tributo ,  
senão ao excelso Espirito de V.  
EXCELLENCIA, que he ame-  
ta-

tade da grande Alma daquelle  
Principe esclarecido, cuja conser-  
vação, e augmento, cujo interes-  
se, Casa, fama, e gloria não só  
he commum de ambos, senão a  
mesma?

Eis-aqui, **SENHORA  
EXCELLENTISSIMA**, todas  
as mais urgentes razões, que me  
obrigarão a escrever o brilhante  
Nome de **V. EXCELLENCIA**  
no frontispicio deste breve Discur-  
so, no qual, como dizia, intro-  
duz Platão a Socrates disputando  
sobre o coartado limite das Scien-  
cias, a que todos necessariamente  
se devem applicar no estreito pra-  
zo da vida, para beneficio pro-  
prio, e da Republica. Sim, **EX-  
CELLENTISSIMA SENHO-  
RA**, neste Dialogo impugna So-  
cra-

crates com evidentes provas dois erros, em que principalmente vivão os mancebos d'aquella idade: um era, fazerem consistir a *Filosofia* em saber todas as *Artes*, e *Sciencias*, fundados em certa auctoridade de *Solon* mal entendida: outro, presumirem que para qualquer merecer o nome de *Filosofo*, bastava ter uma tintura das mesmas *Artes*, e *Sciencias*, ficando já por isso capaz de fallar diante dos *Professores* de cada uma dellas, e adquirir a reputação de homem universal, que podia ter voto em toda a materia, e nella interpôr o seu juizo. Mas esta ultima opinião desvanece o referido *Socrates*, mostrando que seria grandissimo absurdo reconhecêr por *Filosofo* a

um

um homem superficial , e em tudo inferior aos Professores de qual-quer Arte , sem prestimo algum , e absolutamente inutil : e , refutando a primeira , expõe que , assim como a demaziada copia de alimento estraga a saude do corpo , do mesmo modo a indigesta multidão de Sciencias prejudica a do espirito ; vindo nesta conformidade a insinuar por ultimo , que visto ser o conbecimento que tem cada um de si mesmo a cifra da verdadeira Filosofia , só quadrará o nome de Filosofo naquelle , que , tendo aprendido a Sciencia necessaria para desempenbar as obrigações do seu estado , seguindo , nas coisas a que ella chega , o farol da recta razão , e averiguan-do sem rebuço a verdade , se dis-  
pu-

puzer desta maneira para adquirir as perfeições mais estimaveis do espirito , e do corpo , em ordem a ser util com as proprias virtudes , e prerogativas não sómente a si , mas tambem á decorosa policia das Monarquias , e ao acertado governo das Sociedades.

Tal he , SENHORA EXCELLENTISSIMA , o assumpto do presente Dialogo , e taes são , conforme a doutrina estabelecida aqui por Socrates , e Plató , os caractêres , ou distinctivos da consummada , e verdadeira Filosofia. Mas que raro exemplo de Virtude! na observancia de todas estas importantes maximas vemos sobre maneira reluzir a discreta prudencia , diligente fervor , e per-

fei-

feita Religião de V. EXCEL-  
LENCIA. Por quanto, sem em-  
bargo de V. EXCELLENCIA  
frequentemente ler nos fastos da  
Historia os brazões, e antigui-  
dade talvez coéva dos mesmos Ce-  
sares da antiga Roma; os Sce-  
ptros, que successivamente, e por  
muitas vezes empunbárão os seus  
Reaes Ascendentes; e, numa  
palavra, o luzimento, e a quali-  
ficada Nebreza da sua illustrissi-  
ma Familia; sem se rever, nem  
parvonear nos soberanos Titulos,  
e Nomes de hum D. Fruella II.  
Rei de Leão, nem de hum Suei-  
ro Belfager, gloriosissimos Tron-  
cos das Casas de Menezes, e Sou-  
sa, que são do numero das mais  
antigas, e illustres de toda a Hes-  
panha, e que tem honrado a Ge-  
nea-

nealogia de tantas Cabeças coroadas da Europa; sem crear, digo, azas de vaidade com a lembrança de tão immensa grandeza, nem com o pezo, e refulgencia de tanta gloria, V. EXCELLEN-CIA, lendo nos sagrados Oraculos da Divina Sabedoria, que onde não ha sciencia d' alma, não ha bem; e fundando-se por esta razão no ardentissimo amor de Deos, e do proximo, que he o resumo da mais subida, e propriamente solida Filosofia, causa do nosso verdadeiro bem, procura sobre tudo por meio da humildade Christã conservar os perfeitos dons, que recebo da mão liberalissima do Pai das luzes, mostrando a todos na composição exterior, na modestia das palavras, e na

con-

consonancia de todas as suas acções, que a Nobreza do sangue he o metal mais resplandecente, e accommodado para nelle se engastarem aquellas virtudes sinceras, e Heroicas, de cujo exercicio nasce o saborosissimo fructo, e a tão desejada posse da eterna Bemaventurança.

Deos de toda a bondade, e grandeza conceda a V. EXCELLENCIA esta felicissima sorte depois de largos annos de vida cá na terra, para nossa edificação, e exemplo. Estes são os an-ciosos desejos de quem he

De V. EXCELLENCIA

O mais humilde, sincero,  
e obsequioso Creado

Luiz Antonio de Azevedo.

mava a penna , como com valor  
a espada. Mas sobre todas estas  
eminentes qualidades ainda he  
maior , e mais recommendavel em  
**V. EXCELLENCIA** o esplendor ,  
e refulgencia das solidas  
virtudes , que tam discretamente  
sabe practicar , mostrando pri-  
meiro para com Deos a Reli-  
gião , a piedade , o zelo : para  
com os Monarcas a fidelidade , a  
observancia , o desempenho : para  
comfigo a temperança , a modestia ,  
a sobriedade : para com os  
subalternos a prudencia , a justi-  
ça , a clemencia : e para com to-  
dos em fim a moderação com de-  
cencia , a affabilidade com respei-  
to , e a liberalidade com medida ;  
sendo estes os caminhos fragosos ,  
e por isso de poucos trilhados ,  
por onde os Varões illustres glo-

riosamente chegão não só a escrever, mas gravar o seu respeitavel Nome nos annaes da Fama, e no templo da Immortalidade.

Continuaria a correr de boa vontade a penna, e deleitar-se-bia o animo, como na verdade se deleita, no justo elogio das virtudes de V. EXCELLENCIA; mas sendo todas ellas encaminhadas a promoverem o augmento da Sociedade, e, por consequencia, estando já impressas na memoria dos homens, e esculpidas no coração da Patria; se occupasse mais o tempo a V. EXCELLENCIA com o que todos experimentão, e publicão, servindo-me das palavras do Poeta já allegado,

certo creio,  
Que com vagante, e ociosa fantasia,  
Contra o commum proveito peccaria.

Fe-

*Felicite Deos , e prospere a  
V. EXCELLENCIA com os  
preciosos dons da sua Graça por  
muitos , e mui dilatados annos ,  
para brazão do Estado , e gloria  
de toda a Nação Portugueza.  
Estes são os votos de quem he*

## De V. EXCELLENCIA

O mais humilde, sincero, e af-  
fectuoso Creado,

*Luiz Antonio de Azevedo.*



# DISCURSO PRELIMINAR

DO ANNOTADOR, E MODERNO ESCOLIASTE.

**A** Grande, e geral approvação, que tem merecido no conceito dos Sabios a incomparavel delicadeza, extremada valentia, e maravilhoso artificio de todos os Escritores da Grecia, e o summo proveito, que da lição de seus copiosos livros resultou sempre ao progresso das Humanidades, e Bellas Lettras, são as duas causas mais principaes, que podem obrigar os Amantes da sua Patria, e da cultura das Sciencias, a traduzir, expor, e facilitar, principalmente aos que ignorão linguas estranhas, a intelligencia de tam relevantes, e preciosos Monumentos da Antiguidade. Assim o practicárão em Portugal quanto ás Traducções não só de Auctores Gregos, mas tambem de Classicos Latinos, Diogo de Teive na Cyropedia de Xenofonte: Manoel Mendes nas Obras de Diodoro Siculo: D. Antonio Pinheiro, Bispo de  
Lei-

Leiria , no Panegyrico de Plinio a Trajano : Damião de Goes no livro da Velhice composto por Marco Tullio : Duarte de Resende nos Tratados da Amizade , dos Paradoxos , e Sonho de Scipião , escritos pelo mesmo Cicero : todos os quaes , e outros muitos , conhecendo a importancia destas lucubrações , não duvidarão empregar o seu desvêlo em mostrarem deste modo a belleza , e o garbo dos Escritores , que traduzião , como tambem a copia , e vantajem do proprio idiôma , em que fallavão , tudo em particular beneficio , e gloria da Nação Portugueza.

Mas no meio de tam vistoso Theatro destes benemeritos , illustres , e famosos Traductores , além de outros , que deixámos de referir , tem distincto , e nobre lugar o muito sabio , e erudito D. Fr. Antonio de Sousa , da Esclarecida Ordem dos Prégadores , e Bispo , que foi de Viseu , da Illustrissima Casa dos Condes da Castanhei-

nheira (a), e primogenito de Martim Affonso de Soufa, um dos mais celebres Governadores do Estado da India (b), tam conspicuo pelo seu emprêgo, como immortal pelas suas acções.

No anno pois de 1594 deo pela primeira vez á luz este insigne Prelado, mas sem o seu nome, o presente Opusculo de Epictêto com o titulo: *Manual de Epictêto Filosofo traduzido de Grego em linguagem Portuguez.*

Coimbra por Antonio Mariz. em 12. (c) Porem ou fosse pelo gasto, que tivesse esta primeira Impressão, attendendo todos á singularidade, e merecimento da Obra; ou já pela fama de lettras, e engenho de seu respeitavel Traductor (d), ainda que encu-ber-

(a) *Scriptores Ordinis Praedicatorum*, Tom. II. pag. 296. Derão a esta Obra o principio Fr. Jacob Quetif, e o complemento Fr. Jacob Echard, ambos da mesma Ordem dos Prégadores.

(b) Souf. *Hist. de S. Dom.* Part. I. l. 3. c. 36. pag. 194. col. 3.

(c) *Biblioth. Lusit.* Tom. I. pag. 396.

(d) Na Dedicatoria da Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, elo-

berto; ou em fim por qualquer outro principio, o certo he, que este mesmo Tratado de Epictéto sahio logo reimpresso debaixo do mesmo titulo, e no mesmo tamanho em Lisboa por Antonio Alvares no seguinte anno de 1595. Esta segunda Edição he que nós agora pela terceira vez damos á estampa, correctá porém, e illustrada com os nossos Escolios, e Annotações, que juntamente com ella offerecemos ao Publico. Mas primeiro que entremos a expor o methodo, e ordem, que seguimos nestas nossas correções, e Escolios, convem darmos, ainda que succintamente, uma idéa da doutrina dos Estoicos, e maximas geraes da sua Filosofia.

Di-

giando merecidamente o celebre Fr. Luiz de Sousa ao nosso sabio Intérprete, diz assim: *Tomou o negocio a peito pessoa dignissima, qual era o Bispo de Viseu Dom Frei Antonio de Sousa, por letras, por engenho, e eloquencia bem*

*achado Homero para tal Aquilles. Falla da Vida do Arcebispo, que intentava escrever. Com iguaes encomios o exalta D. Antonio Caetano de Sousa na Historia Genealogica, Tom. XII. Part. II. pag. 1107.*

Dividião pois commummente (e) os Estoicos a Filosofia em tres partes, em Fyfica, Moral, e Logica: e dissemos commummente, porque já outros a procuravão repartir em seis, conuem a saber, em Dialectica, Rhetorica, Moral, Politica, Fyfica, e Theologia. Com engenhosa applicação, e similhaça, comparavão os mesmos Estoicos a Filosofia com um Animal, cujos ossos, e nervos dizião ser a Logica, entendendo igualmente pelas carnes a Moral, e pela alma a Fyfica. Punhão-na tambem em parallélo com um ôvo, cujo exterior, ou casca vinha a ser a Logica, o que se segue, isto he, a clara, a Moral, e o interior, ou gemma, a Fyfica. Do mesmo modo usavão da comparação de um campo fertil, cuja sebe, de que he cercado, tomavão pela Logica, o fructo pela Moral, e o terreno, ou suas arvores pela Fyfica. Representavão-

(e) Laercio na *Vida de Zenon*, e Plutarco *sobres as Opiniões dos Filosofos* I. 1.

vão-na finalmente outros como uma Cidade bem guarnecida de muralhas, e sabiamente governada, sem fazer distincção de parte alguma das mencionadas. A ordem, que assignava Zenon, Principe dos Estoicos, a estas partes da Filosofia, era, em primeiro lugar a Logica, depois a Fyfica, e ultimamente a Moral. A mesma serie tambem admittirão Chrysippo, Arquedémo, e Eúdromo, ainda que outros seguião outra (f), que de proposito deixámos, e juntamente por brevidade omittimos.

Quanto á primeira parte, que he a Logica, muitos a dividião em duas Sciencias, que vinhão a ser a Rhetorica, e a Dialectica; affirmando ser esta ultima uma virtude a todos necessaria, e indispensavel, pois debaixo da sua especie comprehendia outras, a que tambem davão o nome de *virtudes* importantissimas: como a *cir-*  
*cum-*

(f) Veja-se Lipsio, *Physiol. St. l. I. Diff. 1.*

*cumspecção* (g) para não cair em erro, ou sciencia de quando se deve assentir ao objecto, ou dissentir com fundamento: a *cautela* (h) para suspender cada um o seu juizo, não consentindo logo com as apparencias de verisimilhança: a *resistencia* (i) ás impugnações, e réplicas dos contrarios, que he uma vehemencia de argumentos, e pêso de solidas razões, que faz não se deixar qualquer levar, nem convencer da opinião de seus arguentes, em quanto não for evidente: por fim a *séria madureza de juizo* (k), que dizião fer um habito de dirigir, e governar as imaginações pelos dictames da recta razão. D'aqui vinha applicarem-se com grande paixão ás subtilzas da Dialectica (l), por meio da qual podião unicamente discernir o verdadeiro do falso, e differençar a probabilidade da certeza. O

pri-

(g) ἀπροπτωσία.

(h) ἀνεικαϊότης.

(i) ἀνελεγξία.

(k) ἀματαιότης.

(l) S. Agost. de Civ. Dei, VIII. 7. e Cicero, de Clar. Orat. cap. 12. secc. 119.

primeiro Tratado na Logica era o da *imaginação*, e dos *sentidos*. Definia Zenon a *imaginação* (a que nós chamarêmos *idéa*) *uma impressão feita n' alma*, entendendo por esta a sua parte principal, que era a razão, ou o entendimento (*m*). Mas sobre a intelligencia desta definição havia grande controvérsia entre os Estoicos; porque, segundo entendia Cleanthes, a tal *impressão* era como a que faz o sinete na cêra formando altibaixos; porém Chrysippo, fundado nas suas razões, (*n*) dizia ser isto absurdo, e apresentava por fim, que Zenon tomára alli a dita palavra no sentido de *mudança* (ou *alteração*.) As imaginações erão, como dizião, *comprehensivas*, (*o*) e *não comprehensivas*. Da primeira espe-

(*m*) Veão-se as Anotações, que adiante vão sobre o capitulo 36.

(*n*) Veja-se Sexto Empirico allegado por Menage nas suas Observações a Laercio, sobre o lugar deste Escriitor, em que se

acha definida a *imaginação*.

(*o*) *Imaginação comprehensiva*, em Grego he *φαντασία καταληπτική*: não *comprehensiva* *φαντασία ἀκατάληπτος*.

pecie affirmavão ser aquellas, que se concebiam de um objecto existente, e com elle se conformavão. Estas *imaginações comprehensivas* (a que nós chamarêmos *idéas distinctas*, e do possível modo *adequadas*) tinham elles communmente (p) estabelecido por *criterio* da verdade. As *imaginações* da segunda especie vinhão a ser aquellas, que ou não erão concebidas de um objecto real, e existente; ou, ainda que este fosse tal, não correspondião, nem erão conformes á sua realidade, e natureza. Além disto dividião ainda as *imaginações* em *sensíveis*, e *não sensíveis*. Aquellas daríamos nós o nome de idéas *adventicias*,  
ou

(p) Alguns, como Boetho, admittião por criterio da verdade o *entendimento*, os *sentidos*, o *desejo* (no sentido, que adiante vai explicado sobre o cap. 7. que vem a ser uma consequencia da reflexão feita depois da impressão do primeiro movimento, com que a alma appetee qualquer objecto) e a *sciencia*. Chrysippo não reconhecía outro criterio senão os *sentidos*, e as *noções communs*, que erão uma idéa natural das coisas uníversaes. Finalmente os mais antigos Estoicos reputavão só por genuino, e verdadeiro criterio a *recta razão*.

ou *fantásticas*, isto he, de coisas corpóreas: a estas denomina-las-hiamos *intelligiveis*. Tinhão outras *rationaes*, e *não rationaes*. As primeiras erão as dos Entes, ou Animaes dotados de razão, ás quaes davão o nome de *intelligencias*, (q) ou *pensamentos*: as segundas, que não tinhão nome, dizião ser as dos irrationaes. Distinguião tambem as imaginações, digamo-lo assim, em *técnicas*, e *não técnicas*, isto he, *artificiosas*, e *não artificiosas*, pela razão de ser muito mais composta, e adequada a idéa, que, por exemplo, de uma imagem de vulto, e de um painel concebe o Estatuario, ou o Pintor, do que a de outro qualquer, que ignora os preceitos tanto da Arte da Pintura, como da Estatuaria. Expunhão igualmente varios modos, com que o entendimento concebe, ou finge os objectos, que vem a ser com mui pouca differença as mesmas idéas, que

(q) Laercio no lugar *as Opiniões dos Filozofos* citado, e Plutarco *sobre* IV. 11,

que nós chamâmos *façticias*. Definição a *sciencia* (r) ou uma percepção, e comprehensão dos objectos certa, e indubitavel pelo assenso constante do entendimento: ou um habito de seguir na representação das imaginações o farol da razão. Finalmente as imaginações ou erão *verdadeiras*, ou *falsas* (s); no que differião dos sentidos, que sempre erão verdadeiros (t): sobre cuja fidelidade ventilavão renhidas questões com os Academicos (u),  
pe-

(r) κατάληψις ἀσφαλής.

(s) Plutarc. *ibid.* IV. 9.

(t) *Id. ibid.* A comprehensão feita pelos sentidos parecia a Zenon ser verdadeira, e fiel, não porque chegasse a comprehender toda a essencia, e propriedades, que realmente havião no objecto; mas porque, segundo Cicero (*Acad. Quaest. L. I. c. 11.*) não deixava de representar accidente, qualidade, ou attributo algum dos que podessem cair debaixo da sua propria esféra. *Comprehen-*

*sio facta sensibus, & vera esse illi (sc. Zenoni) & fidelis videbatur: non quod omnia, quae essent in re, comprehenderet: sed quia nihil, quod cadere in eam posset, relinqueret.* Veja-se o que vai proseguindo Cicero, e confira-se com o que diz Plutarco *sobre as Opiniões dos Filof.* IV. 11.

(u) São dignas de se lerem a este respeito as travessuras, que Arriano (II. 20.) fallando pela boca de Epiçtêto, diz havia de fazer a seu amo, se fôra creado d'algum

pelo differente systema , que seguião a respeito do conhecimento da verdade (x). Dizião tambem ser a imaginação necessaria ; e o assenso , ou dissenso (y) do entendimento , livre , e arbitrario (z). E como o entendimento precedido da imaginação exprimia com o discurso tudo quanto por ella lhe entrava , d'aqui veio a maior parte dos Estoicos a principiar de commum acôrdo na theória da Dialéctica pela voz , que definião *uma percussão do ar* (a), com a differença porém , que a voz dos animaes era a tal percussão do ar , mas derivada do seu appetite ; e a do homem era dearticulada , e nascida do seu entendi-

Academico , para lhe ensinar o respeito , que devia ter aos sentidos.

(x) Veja-se M. Foucher nas suas *Dissertations sur la recherche de la verité , contenant l'Histoire , & les Principes de la Philosophie des Academiciens* , a Paris , 1693.

(y) O assenso do en-

tendimento explicavão os Estoicos pelo termo συγκατάθεσις , e o dissenso pelas expressões ου συγκατατίθεσθαι , ουδὲ προσεπιδοξάζειν. S. Agost. *de Civit. Dei* , IX. 4. Cic. *Acad. Quaest.* I. II. IV. 121 Gell. XIX. 1.

(z) *Ibid. ibid.*

(a) ἀπὸς πεπλοηγμένον.

I

# DISCURSO PRELIMINAR DO TRADUCTOR.

**J**Á em outra occasião deixámos nós duas causas, verdadeiramente apontadas (a) como genericas, e as mais principaes, que podem obrigar os que uma vez se entregá-ão ao estudo das Humanidades, e que procuráõ do possível modo ser uteis á Sociedade, a facilitar a intelligencia dos Auctores Gregos, e Latinos por meio das suas Traducções, e Commentarios; porém agora, pondo de parte estas, e ainda outras muitas razões, que supponmos estarem affás ponderadas pelo sabio Leitor, e a todos serem evidentes; contentar-nos-hemos só com dizer alguma coisa primeiramente sobre o merecimento de Platão, e seus Intérpretes; e em segundo lugar ácerca da ordem, que

B le-

(a) No *Discurso Preliminar sobre o Manual de Epicteto*, pag. I.

II DISCURSO

levão os Escolios, e Anotações, com que illustrámos o presente Dialogo, e a respeito da fidelidade exacta, com que o traduzimos.

E começando pelo merecimento de Platão, sem embargo de não olhar a Filosofia, como diz Seneca (b), para Genealogias; com tudo nem por isso deixaremos de fallar do nascimento deste célebre Fundador da antiga Academiá.

Nasceo pois o divino Platão em Athenas no segundo anno da Olympiada LXXXVII. antes do Nascimento de Nosso Senhor Jesu Christo CCCCXXX. annos (c) a sete do mez, que os Athenienses chamavão Thargelion, que corresponde, segundo uns (d),

(b) *Epist. XLIV. Eis-aqui as suas palavras: Si quid aliud est in philosophia boni, hoc est, quod stemma non inspicit.*

(c) Veja-se a observação de Gudio em Menage ao livro III. de Laercio. Quanto á idade de Platão,

se elle morreo de 81, 82, ou 84 annos, ainda que a primeira he a mais abraçada; ou se o anno assima foi o do seu nascimento, ou não; póde seguir o Leitor neste particular o computo, que mais acertado lhe parecer.

(d) , com pouca differença ao fim do nosso Maio, e principios de Junho, e conforme outros (e) , a uma parte de Abril, e outra de Maio. Teve por pais a Ariston, e a Periccione, ambos illustres: por quanto esta descendia de Drópides; irmão de Sólon, sapientissimo Legislador, o qual trazia a sua origem de Nelêo, e de Neptuno; e aquelle procedia de Codro setimo decimo (f) , e ultimo Rei de Athenas, cujo filho Médon foi o primeiro Arconte (g) da mesma Cidade, o qual

B ii tam-

(d) Lêa-se, além de outros, Charpentier na Vida de Sócrates, que anda impressa no fim da sua Traducção dos IV livros de Xenofonte: *Les Choses Memorables de Socrate*, Amsterdão 1745, pag. 244, e 375, com o Traductor de Eliano (*Var. Hist. L. II. c. 25.*) publicado em Paris no anno de 1772.

(e) Como por exemplo M. Formey na sua Traducção tambem de Eliano (*ibid.*) impressa em Ber-

lin no anno de 1764.

(f) Assim como no uso dos Numeraes he maior elegancia no Latim ante-pôr ao numero maior o menor; assim tambem acontece ás vezes o mesmo no Portuguez. Para confirmação do que, basta um lugar de Heitor Pinto pag. 11. da Edição de 4. onde diz: *S. Agostinho no livro tercio decimo da Cidade de Deos.* Mais vezes ainda se encontrará no mencionado Auctor o dito uso.

(g) Veja-se Paterculo

tambem era descendente de Neptuno (*b*). Chamava-se d'antes Aristocles, que era o nome de seu avô; mas depois exercitando-se com Ariston de Argos Mestre de luta, este lhe deu o nome de Platão pela boa disposição de seu corpo (*i*). Em certo dia es-

no L. I. da *Historia Romana*, cap. 2. secc. 4.

(*b*) A respeito da nobreza de Platão segue o parecer contrario Seneca (*Epist.* XLIV.) dizendo: *Platonem non accepit nobilem philosophia, sed fecit.* Quer dizer: *A Filosofia não recbeo a Platão sendo já nobre, mas depois he que o fez.* Isto he, depois que elle se applicou ao seu estudo. O mesmo affirmava de Sólon certo Filocles em Didymo Grammatico apontado por Plutarco logo no principio da Vida do sobredito Sólon. Mas parece que os Auctores citados por Menage ao III. livro de Laercio, que o contrario disto escrevêrão, ainda que inventassem aos braços de Platão alguma patranha, deixando-se levar

do affecto: não he crível que fizessem inteiramente em honra d'elle, o que muitos fazem para gloria propria, que he, desprezarem reposteiros d'armas alhéas aos olhos, e á face do mundo, sem lhe vir nenhuma côr á sua, como diz Gaspar Barreiros na sua *Corografia* pag. 163, v. e o lamenta do mesmo modo Arraiz pag. 275. col. 4. pelos seguintes termos: *Pregar reposteiros com armas não suas, vemos cada hora sem alguma vergonha, e tomar cognomes de nobres os que forão seus creados.*

(*i*) Assim o refere Alexandre, que se suppõe ser o Polyhistor, em Laercio no livro III, e outros. Mas além do motivo affirma declarado, podia ter Platão este nome,

tando Arifton occupado em fazer um sacrificio ás Mufas, ou ás Nymfas no monte Hymetto, Periccíone, que levava entre feus braços a Platão ainda menino, o pôz sobre um murtal, ou moita de murta, que alli ficava perto, em quanto ía sacrificar com feum-

1. Por fer espadaudo, como diz Servio fobre o verso 668 do VI. livro da Eneida de Virgilio.

2. Por fer largó de peito, conſequeſcia das ſuas grandes eſpadas, como eſcrevem, além de outros, Seneca *Epift.* LVIII. Suidas, e Olympiodóro na *Vida* do meſmo Platão.

3. Por ter a teſta eſpaçoſa, como affirma Neanthes em Laercio no livro III, Olympiodóro, e outros.

4. Pela mageſtade, abundancia, e ampla facundia do ſeu eſtilo (διὰ τὸ πλατὺ καὶ κεχυμένον καὶ ἀνατεπταμένον τοῦ ἀνακειμένου χαρακτῆρος, como diz Olympiodóro) chamada por Plinio (*L. I. Epift.* 10.) *laticundia* (cujo lugar já nós traduzimos a pag. 102. das

noffas Annotações ſobre o Manual de Epiſteto) e por Cicero (*in Orator.* cap. 1. ſec. 5.) *amplitudo*. Eis-aqui as ſuas palavras: *Nec vero Aristotelem in philosophia deterruit a scribendo amplitudo Platonis: nec ipse Aristoteles admirabili quadam scientia & copia ceterorum studia restinxit.* Quer dizer: *He ſem diúvida que nem a mageſtade e abundancia do eſtilo de Platão acovardou a Ariſtoteles, para que não eſcreveſſe depois delle em materias Filoſoficas; nem a admiravel ſabedoria e copia do meſmo Ariſtoteles pôde apagar os fogosos eſpiritos de tantos Filoſofos, que ſobre elle eſcreverão.* Veirão-ſe, além de outros mais, Laercio, e Suidas.

5. Derivando o ſeu nome, não de πλατὺς κοί-

marido. Neste intervallo, tendo Platão adormecido, conta-se que viera um enxame d'abelhas com suave murmurio, e zumbido em torno d'elle, e que poufando sobre seus labios, lhe destillarão na boca mel de Hymetto; sendo isto já um como presagio da suavidade e doçura, com que ao depois havia de derramar as fontes da sua eloquencia (k). Tambem se refere,

*sa larga*, como acabámos de expôr; mas do verbo *πλατύνω*, que significa *fin-gir, contrafazer, excogitar*, de que o taxa, e moteja Timão nas suas *Poesias Satiricas*, segundo refere Laercio no livro III: allusão, que se pôde entender de dois modos; ou porque o dito Satirico remoqueava a Platão o pôr na boca dos Interlocutores, que introduzia nos seus Dialogos, questões, que elles nunca tinham ventilado, como claramente se collige de Athenêo apontado por Menage a Laercio pag. 91. da Edição de Londres em 1664; ou porque, segundo S. Agostinho (*de*

*Civ. Dei* L. VIII. c. 4.) conformando-se com o costume de Sócrates, disfarçava, e encobria tambem as suas opiniões.

6. Tambem Antisthenes chamou a Platão por injuria *Sathão*, intitulado assim um Dialogo, que publicou contra elle, como refere Laercio no livro III. tantas vezes citado, e na *Vida* do mesmo Antisthenes, e finalmente Athenêo allegado por Menage na mesma pagina, que assima apontámos. Deduzia pois o nome *Sathão* de *σάθη*, donde vem *ἀνδροσάθυον*.

(k) Veja se Eliano (*Var. Hist.* L. X, c. 21.) Cicero

re , como annuncio do talento , e agudeza do mesmo Platão , o seguinte sonho , que teve Sócrates , o qual nós relataremos pelas mesmas palavras de um excellente Mestre da lingua Portugueza (1): « Socrates , diz este Es-  
 » critor , na noite , que immediata-  
 » mente precedeo o dia , em que Pla-  
 » tão entrou na sua Escola , sonhou  
 » que lhe offerecião um Cysne , que  
 » do seu gremio voava , e pousava so-  
 » bre a porta Atheniense , que se di-  
 » zia Academia ; e que tinha o collo  
 » tam longo , que com o alto da ca-  
 » beça tocava , e penetrava o Ceo. E  
 » no dia seguinte recontando esta vi-  
 » são

(L. I. de Divinat. 78.) Va-  
 lerio Maximo (L. I. c. 6.)  
 e finalmente Plinio L. XI.  
 c. 17.

(1) Arraiz pag. 7. col.  
 A. Acha-se este sonho re-  
 ferido , além de outros ,  
 por Apuleio , Laercio , O-  
 lympiodoro , e Pausanias  
 na *Viagem d' Attica* , se-  
 gundo traduz Gedoyne.  
 Quanto porém a ser isto  
 fabula inventada pelos di-

scipulos de Sócrates , para  
 augmentar a fama de seu  
 Mestre , como supõe G.  
 C. Crollio a pag. LXV.  
 do Vol. I. da nova Edição  
 de Platão feita pelos Mem-  
 bros da Sociedade Bipontina:  
 como o tal sonho pó-  
 de ser ou fabuloso , ou  
 verdadeiro , quem se atre-  
 verá a fazer ponto fixo  
 em coisa tam incerta?

VIII DISCURSO

» são a seus discipulos, chegou o pai  
 » de Platão offerecendo-lhe o filho  
 » para ser seu ouvinte, e, vendo-o o  
 » Filosofo, disse: Eis-aqui o Cysne,  
 » que transcenderá os segredos Celef-  
 » tiaes, e penetrará as coisas occul-  
 » tas. » De maneira, que provavel-  
 mente começou Platão a ser discipulo  
 de Sócrates aos dezoito annos de ida-  
 de com pouca differença na Olympi-  
 da XCII. descontando dois annos da  
 primeira, em que nasceo, a qual ou-  
 tros contão por inteiro, fazendo-o ter  
 já vinte annos quando se entregou ao  
 magisterio de Sócrates, em cuja dou-  
 trina (tendo deixado os exercicios  
 Athléticos, a Musica, a Pintura, e a  
 Poesia (m), a que d'antes se applicá-  
 ra) fez tantos, e tam agigantados  
 progressos, que veio a exceder incom-  
 paravelmente os mais Condiscipulos  
 com

(m) Eliano *Var. Hist.*  
 L. II. c. 30. Como tam-  
 bem, já antes de estudar  
 com Sócrates, tinha apren-  
 dido Platão a doutrina de

Crátylo, discipulo de He-  
 raclito. Veja-se Crollio na  
 mesma pagina, que assi-  
 ma apontamos.

com a rara habilidade, e destreza de seu engenho (*n*). Por quanto foi Platão o primeiro, que unindo a especulação, e a acção, aperfeçoou a Filosofia, e a distribuiu em tres partes (*o*). A primeira he a Moral, que principalmente consiste na acção: a segunda a Natural, que se occupa na especulação: a terceira a Racional, que a ambas auxilia, distinguindo o verdadeiro do falso. Platão pois, como filosofo Eclético (*p*), se conformava com a doutrina de Heraclito nas coisas, que dizião respeito aos sentidos; com a de Pythagoras no tocante ás verdades intellectuaes; e com a de Sócrates na Politica, e na Moral (*q*).  
Por

(*n*) S. Agostinho de Civ. Dei L. VIII. c. 4.

(*o*) Veja-se, além de outros, S. Agostinho (*ibid*) e Sidonio Apollinar *Carm.* XV. v. 100.

(*p*) Assim como quasi todos os outros Auctores de Seitas, por exemplo, Pythagoras, Zénon, Demócrito, Epicúro, Aristó-

teles, e o mesmo Sócrates. A respeito deste ultimo veja-se a Nota, que puzemos ao Cap. LXXV. do *Manual de Epicteto* sobre as palavras: *Assim Sócrates veio a ser o que foi, com sempre se melhorar, e não obedecer a nada, senão á razão.*

(*q*) Laercio L. III. Con-

Por quanto foi tambem Sócrates o primeiro , que tratou da Ethica , segundo Laercio (r), e Cicero (s), cujos termos são os seguintes : « Até o » tempo de Sócrates , que havia a- » prendido com Arqueláo discipulo » de Anaxágoras , a Filosofia antiga » só tratava da sciencia dos numeros , » dos principios do movimento , e das » causas da geração e corrupção de » todos os entes : ao que ajuntava ob- » servações exactas sobre a grandeza , » distancias , e curso dos Astros , e a » respeito de toda a máquina Celeste. » Porém Sócrates foi o primeiro , que » fez descer do Ceo a verdadeira Fi- » losofia , e lhe deo não sómente af- » fento nas Cidades , mas ainda a in- » troduzio nas Casas , e obrigou a to- » dos a discorrer sobre o que podia » ser-

fira-se a *Noticia Litteraria sobre Platão* digesta , emendada , augmentada , e continuada depois de Fabricio por Crollio na Edição moderna do mesmo Filosofo ,

Vol. I. pag. LXXII.

(r) Na *Vida* do mesmo Sócrates.

(s) *Tuscul. Quaest. L.V. c. 4.*

» servir para governo da vida , e re-  
 » formação dos costumes , e a distin-  
 » guir o bem e o mal. » Com tudo  
 não desprezava (t) Sócrates o estudo  
 da Fyfica , e Sciencias Mathematicas ;  
 mas o que só dizia , era , que se de-  
 vião aprender até certos limites (u) ,  
 e de tal forte , que se não perdesse o  
 tempo com coisas superfluas , devendo  
 antes empregar-se no que fosse util  
 ao ministerio de cada um , e junta-  
 mente necessario para o governo , e  
 direcção da vida (x) . Mas oiçamos  
 fo-

(t) Como alguns enten-  
 dêrão , aos quaes satisfez  
 já Charpentier na *Vida* do  
 mesmo Sócrates a pag.  
 264.

(u) Veja-se Xenofonte  
 no L. IV. das *Memorias*  
*Historicas das Sentenças , e*  
*Acções de Sócrates* , onde  
 se lê que este Filósofo era  
 tambem perito nas taes  
 Sciencias.

(x) D'aqui veio aquel-  
 la tam vulgar e sabida re-  
 sposta de Sócrates , quan-  
 do lhe perguntavão algu-  
 mas coisas do Ceo , a qual

passou depois a proverbio :  
*QUOD SUPRA NOS, NI-*  
*HIL AD NOS: O que não*  
*podemos alcançar , não nos*  
*importa investigar.* Porque ,  
 segundo o adagio Portu-  
 guez , que traz Delicado  
 (pag. 102.) *Afsás he de*  
*pouco saber quem se mata*  
*pelo que não pôde haver.* Fa-  
 zem menção deste Adagio  
 Minucio Felix no seu *Octa-*  
*vio* (cap. 13.) e Laftancio  
 (*Div. Inst. L. III. c. 20.*)  
*De Thales filosofo* ( são pa-  
 lavras de Arraiz pag. 168.)  
*se conta que , andando com*

sobre este ponto a Santo Agostinho (y) : « Escreve-se pois de Sócrates, » diz este futilissimo Doutor da Igreja » ja , que foi o primeiro , que enca- » minhou toda a Filosofia a corrigir , » e

os olhos na Ceo , cahio em um poço : e uma mulherinha , que o vio , rindo-se alrotou delle , dizendp : O' que agudeza , e saber tam extremado de filosofo , que occupado em ver as regiões do Ceo remotissimas da terra , deo consigo em o poço , que tinha ante seus olhos. Veja-se o que vai profeguindo Arraiz , que póde servir de commentario a este lugar : e o Auctor d' Alma Instruida Tom. II. pag. 75. Tambem o Espirito Santo no Ecclesiastico ( cap. III. secc. 22. ) nos dá o seguinte aviso : *Altiora te ne quaesieris , & fortiora te ne scrutatus fueris : sed quae praecepit tibi Deus , illa cogita semper , & in pluribus operibus ejus ne fueris curiosus.* Quer dizer : Não procures saber coisas mais difficultosas do que as que cabem na tua capacidade ; nem especules as que são sobre tuas forças in-

tellectuaes ; mas cuida sempre naquellas , em que Deos te mandou cuidar , e em muitas obras de Deos não sejas com demasia curioso. E mais abaixo ( secc. 25. ) : *Plurima enim super sensum hominum ostensa sunt tibi.* Vem a dizer : Porque muitas coisas quiz Deos que visses , e sobre teus sentidos venerasses ; como traduz o mencionado Auctor d' Alma Instruida , Tom. I. pag. 198 , e 199. A' vista pois deste lugar do Espirito Santo , além do que dissemos a respeito de Sócrates não desprezar , mas sim coartar o estudo das sciencias Mathematicas , pondere agora o Leitor se he justa a censura , que faz Lactancio ao proverbio do mesmo Sócrates no lugar assima apontado.

(y) *De Civit. Dei*, L. VIII. c. 3.

» e compor os costumes , tendo tra-  
 » balhado principalmente todos antes  
 » d'elle mais no estudo , e contempla-  
 » ção das coisas Fyficas , isto he , Na-  
 » turaes , que nas Moraes. Porém não  
 » me parece que liquidamente se pode  
 » colligir , se por ventura Sócrates  
 » fez isto , enfadado da obscuridade ,  
 » e incerteza das coisas , e deste mo-  
 » do empregasse o seu espirito em  
 » buscar alguma clara , e certa , que  
 » fosse necessaria para a vida bema-  
 » venturada ; pela qual só parece que  
 » se desvelou , e trabalhou a industria  
 » de todos os Filósofos : ou se acaso ,  
 » como alguns mais benignamente  
 » d'elle suspeitão , não queria que os  
 » animos contaminados com os appe-  
 » tites terrenos presumissem estender-  
 » se ás coisas Divinas ; porque via  
 » que andavão inquirindo as causas  
 » das coisas , as quaes , sendo as pri-  
 » meiras , e as summas , entendia que  
 » não estavão senão na vontade de um  
 » só verdadeiro , e summo Deos : e  
 » af-

» assim lhe parecia que não se podião  
 » comprehender senão com animo lim-  
 » po, e puro; e que por isso se devia  
 » trabalhar em purgar a vida com  
 » bons costumes, para que descarre-  
 » gado, e livre o animo dos appeti-  
 » tes, que o opprimião, com seu na-  
 » tural vigor, se levantasse ás coisas  
 » eternas, e com a pura intelligencia  
 » pudesse ver a natureza da luz incor-  
 » pórea, e incommutavel, onde com  
 » estabilidade vivem as causas de to-  
 » das as naturezas creadas. Com tudo  
 » consta, que com aquella maravilho-  
 » sa graça, e agudissimo donaire, que  
 » tinha nas suas disputas (z), ainda  
 » nas

(z) Deste caracter de Só-  
 crates falla Cicero (*de Offic.*  
 L. I. c. 30.) por estas pa-  
 lavras: *De Graecis autem,*  
*dulcem & facetum festivique*  
*sermonis, atque in omni ora-*  
*tione simulatorem, quem*  
*εἰρηωτα Graeci nominaverunt,*  
*Socratem accepimus.* Em  
 Portuguez diz assim: E  
 entre os Gregos sabemos que  
 Sócrates era suave, facetó,  
 e engraçado na conversação,

e em todas as suas razões dis-  
 simulado, a quem por isso os  
 Gregos chamárão Ironico, ou  
 Cavilloso: E deste sal, co-  
 mo diz o mesmo Cicero  
 (*ibid.* c. 29.) estão cheios  
 todos os livros dos Socra-  
 ticos: *Duplex omnino est*  
 (são as suas palavras) *jo-*  
*candi genus: unum illibera-*  
*le, petulans, flagitiosum,*  
*obscenum: alterum elegans,*  
*urbanum, ingeniosam, fa-*

» nas mesmas questões Moraes, a que  
 » parecia ter applicado todo o seu co-  
 » ração, notou, e confundio a estul-  
 » ticia dos ignorantes, que presumem  
 » saber alguma coisa, ou confessando  
 » a sua ignorancia, ou dissimulando a  
 » sua sciencia. »

Porém, tornando a Platão, de-  
 pois de ter passado a Italia, a Cyre-  
 ne, ao Egypto (a), e segunda vez á  
 mesma Italia, e ouvido alli os mais  
 eminentes Professores, que havia na-  
 quelles tempos (b); voltou finalmente

pa-

*cetum. Quo genere non mo-  
 do Plautus noster, Attico-  
 rum antiqua comoedia; sed  
 etiam Philosophorum Socra-  
 ticorum libri referti sunt.*  
 Quer dizer: Ha dois modos  
 de gracejar: um, que he  
 grosseiro, petulante, disso-  
 luto, e obsceno; outro, que  
 he elegante, civil, enge-  
 nhoso, e faceto. Deste ulti-  
 mo estão cheias não somente  
 as Comedias de Plauto, e dos  
 antigos Athenienses, mas  
 ainda os livros dos philosophos  
 Socraticos.

(a) A respeito das via-

gens de Platão, e sua or-  
 dem, veja-se Crollio Vol.  
 I. pag. LXVI.

(b) Julgáráo alguns que  
 Platão quando foi ao Egy-  
 pto, ouvira tambem ao  
 Profeta Jeremias; mas San-  
 to Agostinho tendo referi-  
 do em alguns dos seus li-  
 vros esta opinião, como  
 elle mesmo affirma (de Civ.  
 Dei L. VIII. c. 11.) veio  
 depois a rejectá-la, por ver  
 que, segundo o exacto es-  
 crutinio da mais bem fun-  
 dada Chronologia, desde  
 o tempo, em que profet-

para Athenas, e abriu Aula na Academia (c), não longe da qual foi enterrado (d), recebendo ainda depois da morte grandes honras (e). Não obstante pois terem sido tantos, e tam varios os Mestres de Platão, como este Filosofo amava unicamente a Sócrates, por isso o introduz em quasi todos os seus Dialogos, fazendo-lhe di-

tizou Jeremias, até o em que nasceo Platão, passá-  
rão quasi cem annos.

(c) Era uma especie de parque, ou, para melhor dizer, como depois o foi, jardim amenissimo, que ficava nos arrabaldes, ou suburbios de Athenas, o qual tomou o nome de seu dono, homem zeloso do bem commum, e que o dera, como dizem, para nelle se ensinar Filosofia, chamado *Academo*, ou por *E*, *Hecademo*, assim como d'antes se escrevia tambem *Hecademía*. Quanto ao *H*, que se lhe accrescenta, he de saber que o tal *E* na lingua Grega está notado com espirito aspero; donde vem no Latim,

e por consequencia no Portuguez, a se lhe ajuntar o dito *H*, segundo as regras dos Accentos, e Espiritos dos Gregos, que ensina Labbe no seu Tratado de *Spiritibus linguae Graecae*, Regul. VIII. a pag. 132. da Edição de Paris em 1697. E nós o advertimos aos que ainda não tem principios da mesma lingua.

(d) Veja-se Laercio (L. III.), e Athenêo na *Via-gem d'Attica*.

(e) Sobre estas honras veja-se Crollio Vol. I. pag. LXIX, ás quaes tambem se deve ajuntar o sacrificio dos Magos em Seneca, *Epist.* LVIII.

dizer ainda aquellas coifas , que ou elle mefmo tinha aprendido dos outros , ou alcançado pelo proprio difcurfo , e continuada applicação , temperando tudo com o fal , e difputas Moraes de feu Mefre (f) , em cuja peffoa , como diz Quinctiliano (g) ,

C pa-

(f) Affim o escreve Santo Agostinho de Civ. Dei, L. VIII. c. 4. D'aquí nasceo introduzir Platão a Socrates nos feus Dialogos não poucas vezes fallando coifas , que nunca tinha proferido , como diz Laercio (L. III.) o qual (ibid.) tambem refere que , eftando Socrates ouvindo ler ao mefmo Platão o feu *Lysis* , exclamára , dizendo : *Que de teftemunos me não levanta este mancebo* : O mefmo aconteceo tambem a Gorgias , e a Fêdo , ambos os quaes confefsárão não terem dito coifa alguma d'aquellas , que lião nos Dialogos do feu nome. Porém como o Dialogo , feundo a definição de Heineccio , he uma fingida converfação entre doutos , na

qual fe expendem varias opiniões sobre qualquer materia duvidosa , bem fe deixa ver que fe conformou Platão com o costume dos Dialogos ; advertencia , que já fez Cicero ( *Ad Familiar.* L. IX. *Epist.* 8.) a Varão , dirigindo-lhe os quatro livros Academicos. Eis aqui as fuas palavras : *Puto fore , ut , cum legeris , mirere id nos locutos esse internos , quod numquam locuti sumus : sed nosti morem dialogorum.* Quer dizer : Bem creio que , quando os leres , te admirarás de ver como eftamos introduzidos alli a fallar em coifas , de que certamente nunca tratámos ; porém tu bem sabes o uso dos Dialogos.

(g) *Instit. Orat.* L. II. c. 15.

parece Platão significar o que sente. Porém, supposto que em materias graves, e importantes he difficultoso, como escreve Santo Agostinho (*h*), vir no conhecimento das opiniões de Platão, pelo costume, que tomou de Socrates, de dissimular as suas maximas, e doutrina (*i*); com tudo o que pode-

(*h*) *De Civit. Dei*, L. VIII. c. 4.

(*i*) D'aqui vem aquelle tam celebrado enigma, que se acha em Platão na II. Carta a Dionysio, escrito assim de proposito, para que se a dita Carta ou por mar, ou por terra tivesse algum descaminho, ninguem a entendesse, cujas palavras são as seguintes: *Todas as coisas estão em torno do Rei do Universo; e tudo existe por elle. Tambem elle he a causa de tudo quanto tem belleza. Ora o segundo está em torno dos segundos, e o terceiro á roda dos terceiros.* A explicação deste enigma se acha a pag. 394. de umas *Adições*, que andão no fim do Tom. I. dos *Entretiens*

*de Ciceron sur la Nature des Dieux traduits par M. l'Abbé d'Olivet*, Paris 1766. O mesmo Platão mais abaixo diz assim: *As coisas, que se escrevem, não podem deixar de ser divulgadas: motivo porque eu nunca escrevi coisa alguma sobre isto; nem de Platão ha, nem haverá obra alguma escrita. Os Dialogos que andão em meu nome, são de Sócrates, o qual, ainda quando mancebo, se distinguio pela sua virtude. Trata de passares bem, e dá-me credito; e queima longa esta Carta, depois que a tiveres lido muitas vezes com attenção.* Por outra parte he certo que Platão, como diz Laercio (L. III.) desejava muito perpetuar a memoria do seu nome,

demos dizer, he, que o dito Platão; segundo Laercio (*k*), estabelece umas coizas como indubitaveis, impugna outras como falsas, e suspende o entendimento nas duvidosas, e incertas; e que sobre as coizas, que elle mesmo crê (sejão ellas de mais, ou menos tomo, e importancia) introduz quatro Interlocutores, que são Sócrates, Timêo, e dois Hospedes, um de Athenas, outro de Elêa; e que estes Hospedes, ou Estrangeiros não são, como alguns presumião, Platão (*l*), e Parmênides, mas sim umas Personagens suppostas. Sabemos mais que Platão quando ensina dogmas, põe-nos

C ii na

ou pelos discursos, que fazia entre os seus amigos, ou pelas Obras, que compunha: mas nada disto tirava o costume do disfarce da sua doutrina. Confirra-se M. Foucher a pag. 98. das suas *Dissertations sur la recherche de la vérité, contenant l'Histoire, & les Principes de la Philosophie des Academiens*, a

Paris, 1693.

(*k*) L. III.

(*l*) Cicero (*de Leg. L. I. 15.*) claramente diz que o Estrangeiro Atheniense he o mesmo Platão; e M. Grou na sua bellissima Traducção das Leis do mencionado Filosofo adverte que esta Obra he a unica onde elle falla, e por mo destia se não nomêa.

na boca de Sócrates, e Timéo; e quando refuta erros, introduz a Thraſymaco, Cállicles, Pólo, Górgias, Protágoras, Hippias, Euthydémo, e outros ſimilhantes.

Quanto ao methodo de Platão, he ſem dúvida que ſubminiſtra, e propõe a Eſcola Socrática, e Platónica o modélo, ou norma de tres principaes requiſitos para com maior acêrto philoſofar; enſinando primeiramente a arte de bem definir os vocabulos, e de propôr o eſtado de uma queſtão; que he a coiza mais util que póde haver ou ſeja para enſinar, ou para deſcobrir a verdade: em ſegundo lugar a arte de opportunamente duvidar, que he o principio de toda a Philoſofia; como tambem de examinar a força dos argumentos, ſem a qual arte ninguém póde ſer Philoſofo; porque nem poderá conhecer as falſas preoccupações, e erros o que não ſabe duvidar; nem o que eſtá deſtituido da fiel balança de um exacto raciocinio para

pe-

pezar os argumentos, poderá já mais discernir o verdadeiro do falso: por ultimo he a que mais convence pelo uso da Inducção analytica (*m*), da qual não he justo passarmos em silencio um notavel exemplo, que traz Cicero (*n*) tirado de um Dialogo de Esquines, no qual contava Sócrates o que tinha dito Aspásia (*o*) a Xenofonte, e a sua mulher Filésia (*p*) para os exhortar á maior perfeição, e observancia das virtudes conjugaes, que era sem dúvida o fim do tal Dialogo, cujo fragmento he o seguinte: « Di- » ze-me, eu to peço, ó mulher de » Xenofonte, se a tua vizinha tivesse » adereços de oiro mais subído nos » qui-

(*m*) Veja-se Genuense nos *Prolegómenos* da sua *Logica* impressa em Baffano em 1773. pag. 5.

(*n*) *De Invent.* L. I. c. 31.

(*o*) A respeito desta Heroína veja-se Menage nas *Vidas das Mulheres sabias*.

(*p*) Tem para si João le Clerc ser este o nome da mulher de Xenofonte,

com quem falla Aspásia: porém não o dá por certo, quando podia ter tido outras, ou por lhe haverem morrido, ou por algum divorcio. Assim o diz no seu *Esquines Socrático*, do qual faz ser quarto Dialogo este de Aspásia, e o intitula: *De Moribus conjugum* a pag. 122.

» quilates , do que tu tens , quaes  
 » quererias antes , os seus , ou os teus ?  
 » Os seus , respondeo ella . E se ti-  
 » vesse vestidos , e todo o mais mun-  
 » do mulheril de maior custo do que  
 » tu tens , desejarias antes os teus ,  
 » ou os seus ? Respondeo que os seus .  
 » Ora , continuou Aspásia , e se ella  
 » tivesse um marido melhor do que tu  
 » tens , por ventura escolherias antes  
 » o teu , ou o seu ? Aqui , feita aquel-  
 » la matrona uma grã , não teve re-  
 » sposta que dar (q).

» Então Aspásia , virando-se para  
 » o mesmo Xenofonte , começou com  
 » elle a fallar da maneira seguinte :  
 » Peço-te , disse , ó Xenofonte , que  
 » me respondas ao que te vou agora  
 » propôr : Se o teu vizinho tiver um  
 » cavallo melhor , e mais generoso  
 » do que he o teu , por ventura que-  
 » rerás antes o teu , ou o d'elle ? Re-  
 » spon-

(q) Envergonhou-se , vizinha , do que com o seu :  
 porque seria indecôro con- por quanto daria mostras  
 fessar querer antes ver-se de amar o esposo alheio  
 casada com o marido da *le Clerc.*

» spondeo que o delle. E se tiver  
 » uma herdade melhor do que a que  
 » tu tens, qual dellas em fim deseja-  
 » rás antes possuir? Respondeo que  
 » bem claro estava que se pegaria an-  
 » tes á melhor. E se tiver uma esposa  
 x mais estimavel do que a que tu tens,  
 » quererás antes a delle? Aqui tam-  
 » bem ficou sem abrir boca o mesmo  
 » Xenofonte.

» A' vista pois de semelhante en-  
 » leio, lhes fallou então Aspásia por  
 » estes termos: Já que nenhum de  
 » vós me respondeo ao ponto princi-  
 » pal, que eu desejava unicamente  
 » ouvir, eu mesma vos direi agora o  
 » que ambos revolveis no pensamen-  
 » to. Por quanto não só tu, ó Matro-  
 » na, queres ter antes o melhor dos  
 » maridos, mas tambem tu, ó Xeno-  
 » fonte, pertendes com anciosissimo  
 » desejo ter a mais completa de todas  
 » as mulheres. Pelo que, se não tra-  
 » balhardes com effeito porque não  
 » haja no mundo nem marido mais

» re-

» recommendavel , nem mulher de  
 » maior póрте , he certo que sempre  
 » andareis com muito extrêmo no al-  
 » cance do que julgardes por melhor ;  
 » como he , o feres tu (r) não só ma-  
 » rido de uma esposa , que entre as  
 » mais tenha a primazia ; mas tambem  
 » esta (s) ver-se casada com um con-  
 » for-

(r) Estava fallando com ambos , agora vira-se para Xenofonte.

(s) Falla com Xenofonte apontando para Filésia.

N. B. Como não foi nossa tenção fallar neste breve Discurso a respeito de tudo quanto se pudesse dizer sobre o merecimento de Platão , por isso omitimos aqui muitas particularidades , e circumstancias da sua vida , methodo , doutrina , estylo , e Commentadores , que o Leitor poderá ver em Laercio , Olympiodóro , Hesiquio , Apuleio , Fabricio , Crollio , Guarino , Marfilio Ficino , Melanchthon , Claudio Fleury , Andre Dacier , Stanley , Brucker , e outros mais , não nos dispensando de advertir com tu-

do neste lugar que o character predominante de Platão he o de explicar bem as coizas , de que trata , e o de Socrates de bem dividir o assumpto , que se propõe. He dignissima de se ler a este respeito a terceira Carta do livro quarto de Sidonio Apollinar , onde louvando muito este Escriitor um Tratado sobre o *Estado d'Alma* , dividido em tres partes , que lhe dedicára Mamerto Claudiano Presbytero da Igreja Viennense , e incluindo entre os caracteres de outros Autores orthodoxos , e profanos , tambem o de Platão , e Socrates , diz assim : *Dividit ut Socrates , explicat ut Plato.*

» forte, a quem se possa dar entre os  
» mais a preferencia. »

No tocante ao seu estylo, he elle de tanta elegancia, e tam sublime, que chegarão a dizer os Filozofos, que se Jupiter fallasse em Grego, só como Platão fallaria (t). E verdadeiramente a magestade das suas expressões he comparada a um caudaloso rio, que nenhum estrondo faz por causa da sua profundidade (u). Tambem, como elle trouxe a si innumeraveis regatos d'aquella fonte manancial de Homero (x), a quem se propoz imitar nos seus Escritos, por isso a frase, de que usa, he entre a prosa, e o verso (y); donde parece que veio a ser chamado por Panécio, como Cicerro (z) deixou em lembrança, o *Homero dos Filozofos*. Na collocação das pa-

la-

(t) Cic. de *Clar. Orat.* c. 12. secc. 121.

(u) Veja-se Longino tratando do *Sublime*, cap. 13.

(x) Id. *ibid.*

(y) Assim o diz Aristóteles em Laercio no L. III.

e o mesmo refere Cicero in *Orat.* c. 20. f. 67. e

Quintiliano *Instit. Orat.* L. X. c. 1.

(z) *Tusc. Quæst.* L. I. c. 32. f. 79.

lavras foi tam cuidadoso , e exacto , que as primeiras quatro , por onde começa o livro primeiro da sua Republica , se achárão collocadas com grande variedade nos autógrafos , isto he , originaes do mesmo Platão ( *a* ) : mas com todo este escrupulo , nenhum reparo fez em não evitar o encontro de muitas vogaes e consoantes , que se observa não só nos seus Dialogos ( e de industria o havia de fazer assim , pois neste genero de escriptura deve reinar a liberdade da conversação ) mas ainda naquella Oração funebre ( *b* ) , que elle compoz segundo o uso de Athenas em louvor dos que tinham sido mortos combatendo em defeza da patria ; o qual Panegyrico mereceo tanto a approvação dos Athenienses , que ordenárão recitálo sempre no dia anniversario da mesma Solemnidade ( *c* ) . Isto posto , se Platão assim como foi

( *a* ) Veja-se Laercio L. Quintiliano L. VIII. c. 6. III. Dionysio de Halicarnasso tratando sobre a Collocação das palavras , e ( *b* ) Vem esta Oração no Menéxeno. ( *c* ) Veja-se Cicero no

foi tam observante da collocação das palavras, o fôra tambem da sua escolha, sem dúvida que igualaria Homero, e ainda excederia os outros Escriptores da Grecia; mas esta escolha (d) he que lhe falta algumas vezes, quando se aparta do estylo ordinario, para se remontar com o vôo de expressões extraordinarias e sublimes. Em quanto não passa do simples, e natural modo de dizer, não ha coisa mais engraçada, mais pura, nem mais corrente, que a sua locução: he ella como o crystal de uma fonte pura; porque não se serve senão dos termos mais communs, e claros; e desprezando todo o ornato estranho, con-

seu *Orador a Bruto*, c. 18. f. 151. *sô noutras coisas, mas ainda na liberdade das palavras, convenho com Platão.*

(d) Maximo Tyrio (na *Dissertação XXVII. secc. 4. pag. 325. da Edição de Davísio*) como sequez da doutrina Platonica, não duvidou dizer: *ἐγὼ γὰρ τοὶ τὰ τε ἄλλα, καὶ ἐν τῇ τῶν ὀνομάτων ἐλευθερίᾳ, πείθομαι Πλάτῳ.* *Eu porém não*

ferva sómente um ligeiro ar de antigo, que realça muito mais a sua belleza ; e com admiravel arte sabe outrofim usar de uma harmonia, que encanta. Mas quando se quer a si mesmo exceder, e affecta pompa de palavras com arreios, e jaezes da oração, tudo lhe succede algumas vezes pelo contrario ; porque alem de ser a sua locução menos agradavel, menos pura, e mais embaraçada, vem a cahir em perifrases, que, sendo sem escolha, e sem medida, não tem graça, nem belleza ; e não ostentão mais do que uma vã riqueza da lingua, em que escreve. Alem disto, em lugar de palavras proprias, e do uso commum, não busca senão termos novos, estrangeiros, e antigos ; e em vez de usar sómente de figuras a proposito, e bem entendidas, he excessivo nos epítetos, duro nas metáforas, e atrevido nas allegorias (e). Com tudo he neces-

(e) Tal he o juizo, que fórma sobre o estilo de Platão Dionysio de Ha-

licarnasso no *Tratado dos Oradores Atticos*, e depois o confirmou na *Resposta*,

cessario advertir que isto nem sempre lhe acontece, como diziamos, porque são mais frequentes os lugares, em que ha muito que admirar, do que aquelles, onde se encontram defeitos, que reprehender.

Em summa, deixando os elogios, que os Auctores derão a Platão (os quaes, ainda que não todos, encontrará o Leitor nas Obras do mesmo Filosofo (f) dadas á luz pelos Membros da Sociedade Bipontina) he sem dúvida que Cicero alem de louvar muito a eloquencia de Platão, dá sempre a primazia entre os mais Filosofos a este Academico (g) pelo seu  
ta-

que deo a uma Carta de Cneo Pompêo sobre o mesmo assumpto. Veja-se Dacier, que tambem segue o referido juizo na *Bibliothèque des anciens Philosophes* Tom. III. pag. 224, e segg.

(f) Vol. I. pag. LXIX, e segg.

(g) *Tuscul. Quaest.* L. I. c. 10. f. 22. Eis aqui as suas palavras: *Aristoteles*

*longe omnibus (Platonem semper excipio) praestans & ingenio & diligentia. Quer dizer: Aristoteles he superior sem comparação a todos os outros Filosofos (eu sempre exceptuo a Platão) assim pelo seu talento, como pelas suas averiguações, e descobrimentos em materias Filosoficas. Tambem Santo Agostinho (de Civ. Dei L. VIII. c. 12.) faz o se-*

talento, e descobrimentos Filosoficos; não duvidando dizer que antes quizera errar com elle, do que talvez acertar com os outros, como introduzira a dizer um seu Ouvinte (b). Porêm o maior encomio da Filosofia Academica, he o que lhe dá Pisão (i) pelas seguintes palavras: « Entregate » pois todo a elles, eu to peço; por- » que nos seus Escritos, e Principios » não

guinte elogio á sua eloquencia: *Aristoteles Platonis discipulus, vir excellentis ingenii & eloquio Platoni quidem impar, sed multos facile superans.* Vem a dizer: *Aristoteles discipulo de Platão, pessoa de excellente engenho, e na eloquencia inferior sem ao mesmo Platão, porém avantajado sem controversia a muitos mais.* Veja-se a continuação destas auctoridades nos Auctores allegados.

(h) *Ibid.* c. 17. f. 39. Eis-aqui as suas palavras: *A . . . Errare mehercule malo cum Platone, quem tu quanti facias scio, & quem ex tuo ore admiror, quam cum istis vera sentire. M.*

*Macte virtute: ego enim ipse cum eodem ipso non invidius erraverim.* Quer dizer: *O . . . Eu por certo antes quero errar com Platão, a quem eu sei o quanto tu estimas, e a quem admiro pelo que tenho ouvido da tua boca, do que acertar com esses, em que fallaste.* C. *Accrescentado sejas em virtude: porque tambem eu se me não dera de errar com o mesmo Filosofo.* Observe-se de caminho a traducção de *Macte virtute*, que he de Arraiz ( pag. 159. c. 1. ) a quem seguimos.

(i) Veja-se o L. V. de *Finibus*.

» não sómente se póde beber toda a  
 » doutrina das Bellas Lettras, todo o  
 » conhecimento da Historia, toda a  
 » elegancia das palavras; mas ainda  
 » se encontra nelles tanta variedade  
 » de artificios, que sem este soccorro  
 » ninguem poderá já mais chegar af-  
 » fás instruido a pôr em prática ver-  
 » dadeiramente coisa alguma de maior  
 » ponderação. D'estes he que se for-  
 » marão os Oradores (k), destes os  
 » Generaes, e as primeiras Persona-  
 » gens das Republicas; e, para des-  
 » cer a coisas menos importantes, da  
 » sua Escola, como de uma Officina  
 » de todas as Artes, sahirão os Ma-  
 » thematicos, os Poetas, os Musicos,  
 » e finalmente os Medicos. » Por ul-  
 ti-

(k) De si o confessa o  
 mesmo Cicero (*in Orator.*  
 c. 2. f. 12.) por estas pa-  
 lavras: *Fateor, me orato-*  
*rem, si modo sim, aut et-*  
*iam quicumque sim, non ex*  
*rhetorum officinis, sed ex*  
*Academiae spatiis exstitisse.*  
 Quer dizer: *Confesso que*  
*se eu sahi Orador, se he*

*que o sou; ou para melhor*  
*dizer, se tenho feito algum*  
*progresso na Eloquencia, não*  
*no devo tanto ás lições dos*  
*Rhetoricos, como ao soccor-*  
*ro da Filosofia Academica.*  
 Veja-se ainda o referido  
 Auctor no fim do I. livro  
 das *Leis.*

timo, sendo a doutrina de Socrates, a qual se acha espalhada pelas Obras de Xenofonte, Esquines, e principalmente Platão, a Officina, em que se fórma o solido juizo, e perfeito discernimento, como diz o Lyrico (1); e inculcando outrosim o mesmo Poeta (m) o estudo, e contínua lição dos Auctores Gregos, sem fallar nos mais elogios devidos a Platão; quem se não admirará, quando reflectir que este breve Dialogo he o primeiro (que eu saiba) que apparece finalmente pelo meu limitado engenho traduzido, e illustrado nos fins do seculo decimo oitavo depois de terem passado não poucos da Litteratura Portugueza? Mas, deixando as reflexões que podiamos aqui fazer, já he tempo de fal-

(1) De Art. Poet. v. 309, e 310: *Scribendi recte sapere est & principium & fons*, Rem tibi Socraticae poterunt ostendere chartae. Traduz Candido Lusitano: He de bem se escrever principio, e fonte O juizo, e lição; ampla materia

Descobrirás de Socrates nas Obras.

(m) Ibid. v. 268, e 269: *Vos exemplaria Graeca Nocturna versate manu versate diurna*. Traduz o mesmo Lusitano: De dia, e noite os Gregos exemplares Revolvei, o Pisões.

fallarmos tambem , como promette-  
mos , sobre os Intérpretes de Platão.

Depois dos antigos Commenta-  
dores Maximo Tyrio , Plotino , Por-  
fyrio , Jámblico , e Proclo , a respeito  
de cujo merecimento se póde ver o  
juizo de Dacier (n) , restão dois In-  
térpretes de Platão mais modernos , e  
nomeados , que vem a ser Marfilio Fi-  
cino , e João de Serres. O primeiro  
fim he verdade que traduzio fielmen-  
te as Obras deste Filosofo , as quaes  
sahirão varias vezes reimpressas (o) , e  
a sua Traducção por outros (p) tam-  
bem revista , e emendada ; mas como  
Ficino , sem embargo de ser um ho-  
mem de immenso trabalho , e estudo ,  
era muito especulativo , e abstracto ;  
e porque nos Argumentos , que fez ,

D af-

(n) *Bibliothèque des an-  
ciens Philosophes* , Tom. III.  
pag. 233 , e segg.

(o) Veirão-se as Obras  
de Platão publicadas pela  
Sociedade Bipontina Vol.  
I. pag. LXXXII , e segg.

(p) Como por exemplo

Nathanael Forster na pri-  
meira Tetralogia , e nos  
*Rivales* , com o sabio Pro-  
fessor de lingua Grega , e  
Latina João Henrique Win-  
kler no *Fédo* , que publi-  
cou em Lipsia no anno  
de 1744.

affás prolixos e diffusos, aos Dialogos de Platão, segue os sonhos dos Alexandrinos, e Cabbalistas, buscando, com as suas explicações muito alheias da mente do Auctor, em quasi tudo mysterios, e allegorias; vem deste modo a dar mui poucas luzes para a intelligencia do mesmo Platão (q). O segundo, que não entendia tam bem o Grego, como Marsilio, fez não ha dúvida uma Traducção mais Latina, porém tam pouco fiel, que está cheia de maior numero de erros, e faltas essenciaes, que pervertem o sentido. Mas, sem fallar na ordem, e classes, a que chama syzygias, em que dividio os Dialogos de Platão (r), a qual se acha reprehendida por Fleury (s), e Dacier (t), sem embargo de parecer mais accommodada á Escola dos

(q) Veja-se Fleury, Dacier, e ultimamente Tiedemann.

(r) Veja-se a *Noticia Litteraria sobre Platão*, a pag. LXXIX, e segg. do Vol. I. da Edição Bignon-

tina.

(s) No seu Discurso sobre Platão a pag. lxxij, do I. Tomo da *Bibliothèque des anciens Philosophes*.

(t) *Ibid.* Tom. III. pag. 231.

dos Filósofos, e seguir a distribuição em livros, ou tratados Logicos, Ethicos, Politicos, Fyficos, e Metafyficos (u); he certo que o trabalho mais recommendavel, e util de João de Serres, são as breves Notas marginaes, onde claramente descobre o methodo do mesmo Filosofo, mostrando ao Leitor os lugares, em que pode fazer pausa, e repassar com a memoria o que acabou de ler (x). De maneira que, segundo o que temos dito, estes dois Intérpretes só por si não illustrão quanto he necessario a Platão; e por conseguinte o que os ler quasi sempre ficará em jejum, se não tiver outro soccorro para intelligencia dos seus Escritos. A estes já ditos se seguirão varios Traductores de Platão, como, alem de outros, Dacier, Grou, Maucroix, Racine, Madame de Rochechouart, cujas Versões correm impressas na *Bibliotheca*

D ii dos

(u) Veja-se o Vol. I. da Edição Bipontina pag. LXXIX, e LXXXI.

(x) Veja-se o mesmo Fleury, e Dacier nos lugares já apontados.

dos antigos Filósofos (y), e se podem ver apontadas com grande numero de Editores, Commentadores, e Traducções do mesmo Platão Italianas, Inglezas, Alemans, Persicas, e Hebraicas na Edição Bipontina, e *Continuação da Noticia Litteraria* de Fabricio, que vem no fim dos Volumes da mesma (z); na qual se acha o texto Grego da Edição de Henrique Estevão com a traducção Latina de Marsilio Ficino retocada em XI. Volumes de oitavo maior, incluindo tambem varias Lições; e, fora destes, outro que faz o XII. que comprehende os Argumentos dos Dialogos de Platão expostos e illustrados por Diet. Tiedemann, Professor de Filosofia na Academia Marburgense; o qual Volume he o mais util (ainda que não sufficiente) para entender as Obras de  
Pla-

(y) Sahio esta Collecção em IX. Tomos de 8, além de dois mais da Republica, reimpressa no anno de 1771.

(z) He esta a mais mo-

derna Edição de Platão, principiada em 1781 pelas fadigas Litterarias da Sociedade Bipontina, e acabada de imprimir em 1787.

P R E L I M I N A R . XXXVII

Platão, visto ser aquelle, aonde se vai buscar o assumpto dos Dialogos ao menos declarado e expellido. E isto baste quanto aos Intérpretes de Platão.

Finalmente a respeito dos Escolios, e Anotações, que fizemos ao presente Dialogo, e sobre a fidelidade exacta, com que o traduzimos, não temos mais que dizer ao Leitor, senão que praticámos o mesmo que já seguimos noutras (a) ao *Manual de Epiçteto*, e observámos na Traducção da *Satira de Sulpicia* (b), onde apon-támos algumas regras geraes de bem traduzir. Com tudo só advertiremos ao Leitor, que não evitámos o *diffe eu, respondeo elle, tornei, conveio, repliquei*, e outras interposições, que se encontram neste, e noutros Dialogos, ainda que Cicero no seu *Lélio* (c), imitando o exordio do *Theeteto* do mesmo Platão, não use dellas; por quanto procurámos traduzir o que estava no Texto sem mudança alguma (d);

(a) Pag. XXXI. (b) Pag. XVI, e segg. (c) Cap. 1.

(d); para que se pudesse ler na Traducção o mesmo, que se acha no Original.

(d) Algumas vezes com tudo accrescentámos as mencionadas interposições, para maior clareza do Interlocutor, que falla. Quanto mais que isto são umas ellipses, que no mesmo Original se devem subentender.

N. B. Aqui nos incumbem ultimamente advertir duas coizas, a primeira he que, seguindo a Laercio, Theodoreto, Proclo, Dacier, e outros, demos ao presente Dialogo antes o nome de *Rivaes*, do que de *Amantes*, ou *Amadores*, como vulgarmente anda intitulado; por quanto ainda que Platão falla em muitos *Amantes* logo no principio d'elle; com tudo introduz a disputar sómente dois um contra o outro, os quaes, além da competencia do argumento, erão amantes de um mesmo mancebo, e por isso ἀντισταστας, rivaes: donde he muito verosimil que recebesse o nome esse Dialogo; como já antes

de nós advertio Forster, e Aldobrandino ao III. livro de Laercio pag. 91. da Edição de folha. Deixámos, como sabida pelos Jurisconsultos e Humanistas, a etymologia de *Rival*. A segunda, que a dita palavra *Rival*, ainda que Bluteau a não achasse em Auctores Portuguezes, lê-se todavia em João Franco Barreto a pag. 188. do I. Tomo da sua Eneida impressa no anno de 1763. e em Leonel da Costa a pag. 215. v. 81. da I. Parte da sua Traducção de Terencio modernamente impressa, ainda pela primeira vez; a cujo respeito, e de qualquer outro Auctor, cujos Escritos tem o mesmo successo, parece-me que se podem applicar aquellas palavras dos *Synefêbos* de Estacio apontadas por Cicero (no livro *sobre a Velhice* c. 7.) *Serit arbores, quae alteri saeculo profint*. Quer dizer: *Planta arvores, que vem a servir de proveito a outro seculo.*

A R-

# ARGUMENTO

DO PRESENTE DIALOGO \*

**R** Efere aqui Socrates a conversação que teve com certos Mancebos, e seus Amantes, tendo entrado na Aula do Grammatico Dionysio. Propõe-se redarguir uma opinião, que tinha naquele tempo cobrado já grandes forças pela jactancia dos Sofistas, a qual affirmava ser a Filosofia uma Panfósia. \*\* Nestes termos depois de ter estabelecido por fundamento que a Filosofia he uma coisa bella, boa, e sobre todas decorosa ao homem; refuta certo Mancebo, que sustentava ser ella a pericia de todas as coisas: por quanto assim como as sobegidões do alimento estragão o corpo; assim tambem a demaziada erudição perjudica o espirito. Depois disto perguntando ao Mancebo que coisas principalmente se devião aprender, e respondendo elle que aquellas, por cujo conhecimento se alcançasse o maior louvor, e a mais avultada gloria,

\* O Argumento do presente Dialogo, que nós aqui offerecemos traduzido de Latim em nossa linguagem, he de Diet. Tiede-

mann, o qual se acha a pag. 38 do Vol. XII da Edição Bipontina.

\*\* Isto he, uma *Scienza de todas as coisas*.

XL            A R G U M E N T O .

ria , que vinhão a ser com particularidade todas as Artes , exceptuando todavia as Mecanicas : faz Socrates uma objecção , dizendo , que não he possível que chegue qualquer homem a ser consummado em todas as Artes , e que viria a ficar o Filo-  
 filosofo deste modo com inferioridade , isto he , inutil á vista de todos aquelles , que sabem magistralmente alguma Arte ; quan-  
 do elle mesmo tinha já concedido que o Filo-  
 filosofo era um homem util , pois a Ar-  
 te que sabia era boa , e proveitosa . Logo a Filosofia sendo uma coisa boa , e util ,  
 he força que tenha por objecto alguma  
 outra , convem a saber , aquella , por meio  
 da qual os homens se tornão melhores .  
 Ora he bem certo que em toda a Arte  
 os que sabem o modo , com que os ca-  
 vallos , por exemplo , os animaes , os ho-  
 mens se tornão melhores , estes mesmos  
 sabem refreálos , dar-lhes o devido casti-  
 go , e discernir os bons dos máos : e co-  
 mo a Justiça faz punir os máos nas Re-  
 publicas , tira-se por conclusão que esta  
 Sciencia he a Justiça . Tambem esta mes-  
 ma Justiça conhece os bons , e os máos ,  
 e ninguem ; quando se não conhece a si  
 mesmo , póde conhecer os outros : d'onde  
 se segue que , sendo o conhecimento pro-  
 prio :

prio a Sabedoria, a Sabedoria e a Justiça he a mesma. Com esta mesma Justiça os Reis, os Pais de familias administram o seu Reino, e a sua Casa: logo esta Sciencia tambem he Politica, Economica; para o dizer numa palavra, Sciencia, que tudo governa, e administra; e por isso mesmo de summa utilidade, isto he, verdadeiramente Filosofica. Logo a Filosofia de nenhum modo se occupa na pericia de todas as Artes. Não se tendo Platão proposto definir accuradamente a Filosofia qual fosse; e visto serem bastantes as razões, que aqui se allegão a respeito della, para redarguir a futilidade absurda dos Sofistas, não póde ser pois com razão reprehendido, por discorrer pouco exactamente sobre a natureza da Filosofia. Com tudo não deixa de merecer alguma censura \*\*\* o confundir entre si a Jus-

\*\*\* Nenhuma censura merece; por quanto Sócrates vem, no que diz, a insinuar que a vida do homem em todos os estados, e occupações requer, e igualmente admite o uso da Filosofia. Assim o affirma Plutarco do mesmo Sócrates (no *Tratado, que fez sobre se o homem*

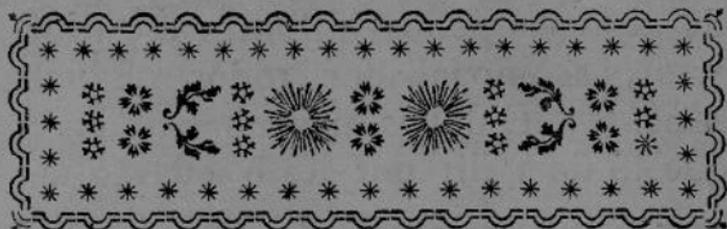
*de idade se deve ainda intrometter, e inserir em negocios publicos*) cujas palavras conforme a traducção de Charpentier emendando a de Amyot (a pag. 262, e 263 da *Vida de Socrates*) são as seguintes: *Il ne faisoit point appriêter de bancs, il ne montoit point en chaire, il n' obser-*

XLII ARGUMENTO.

Justiça, a Politica, e a sciencia Económica, que são partes, e especies da Filosofia practica, e da Sabedoria tomada na sua maior extensão, e afirmar que todas são uma só Sciencia.

*voit point de tems pour lire en public, il n'assignoit à ses amis certaines heures pour la conference ou pour la promenade, mais il exerçoit sa Philosophie en buvant, en mangeant, en se divertissant, quand il étoit au camp, quand il étoit dans les assemblées de Ville; enfin, lors même qu'il étoit en prison, & qu'il beuvoit la cigue; ayant le premier fait voir, que la vie de l'homme, en tout tems, en toutes saisons, dans les af-*

*fections mêmes, & dans toutes sortes d'affaires, REÇOIT UNIVERSELLEMENT L'USAGE DE LA PHILOSOPHIE. Veja-se o que antes destas palavras diz ainda o mesmo Plutarco, e em Platóno no livro V da Republica pag. 57 do Vol. VII da Edição Bipontina o como Sócrates define os verdadeiros Filósofos, que são os que desejão contemplar a verdade.*



R I V A E S  
 O U  
 D I A L O G O M O R A L  
 S O B R E A F I L O S O F I A .

S O C R A T E S



M certa occasião tendo eu entrado na Aula do Grammatico Dionysio , dei logo com uns mancebos , pelo que mostravão , dotados de extremada gentileza , e filhos de

*Dionysio* : Com este Mestre he que Platão começou os seus estudos , conforme diz , além de Apuleio , Laercio , e Olympiodóro ; dos quaes o ultimo affirma que o mencionado Platão introduzira o referido Grammatico neste Dialogo , *ἵνα μήτε Διονύσιος , ὁ διδάσκαλος , ἄμοιρος εἴη τῆς παρὰ Πλάτωνι μνήμης* \* para que nem até de seu Mestre Dionysio deixasse de fazer aqui honrosa menção. Veja-se a respeito dos Mestres daquelle tempo , e

de algumas pessoas distintas , e illustres , acompanhados todos de seus Amantes. E destes mancebos observei que só dois alli por acaso estavam um com outro disputando ; mas de nenhum

do lugar aonde muitas vezes ião discorrer , José Lourenço de Luca no Tratado que se intitula *De Professoribus, Oratoribus, Nomenclatoribus, et Litteris collectio*, a pag. 1167. do Volume X. do *Thesouro de Antiquidades Gregas* de Jacob Gronovio impresso em Veneza no anno de 1735; e confira-se igualmente João Wower em outro *Tratado da Polymathia* a pag. 1017, e fegg. do mesmo Volume.

*Pelo que mostravão* : Estas palavras denotão que Sócrates ao entrar da Aula tinha ficado em lugar distante dos taes mancebos , pois diz lhe pareciao bem apessoados , o que tambem se confirma com o que logo vai dizendo por diante.

*Amantes* : A cerca deste costume , que tinham os Gregos de cortejar os mancebos , o qual em Athenas debaixo do honesto titulo de amizade concedia sómente Solon ás pessoas livres , e que , não obstante as suas mesmas leis , dava muitas vezes occasião a impurissimos flagícios , veja-se *Petit Leg. Attic.* L. 6; *Tit.* 5. *Archaeol. Graec.* L. 4. c. 9. *Menage a Laercio* L. I. 55. e outros igualmente citados por Davisio ás *Disp. Tusc.* L. 4. 33. *Forster.*

Deste costume tambem faz menção Cornelio Nepote (*in Praefat.*) pelas seguintes palavras : *Laudi in Graecia ducitur adolescentulis, quamplurimos habere amatores.* Quer dizer : *Reputa-se na Grecia como braço dos mancebos , terem o maior numero de afeiçoados , que poder ser.*

nhum modo acabava de perceber qual fosse o estado da sua questão. Por fim sempre me pareceo que debatião sobre alguns pontos da doutrina de Anaxágoras, ou de Enópides. O certo he, que todas as suas acções erão de quem estava traçando circulos, descre-

*Anaxágoras, ou de Enópides:* Todos os Escriitores da Historia Filosofica celebrão a cada passo Anaxágoras natural de Clazomena, como Filosofo da feita Jónica, por alumno de Anaximenes, e por Mestre de Péricles, de Eurípedes, e, segundo alguns, até de Sócrates, convem a saber nos principios da sua juventude. Nem tam pouco de Enópides (ainda que delle confesse Dacier não ter noticia) faltão testemunhos dos Antigos. Por quanto consta de Diodóro Sículo, Eliano, Plutarco, Sexto Empírico, Estobéo, e outros, que fôra natural de Quio, e quasi contemporaneo de Anaxágoras, que se passára ao Egypto, que ali tivera com os Sacerdotes, e Astrónomos grande communicacão, e que depois adquirira um tal conhecimento assim da Geometria, como da Astropomia, que se dizia ter excogitado em cada uma destas Sciencias algumas coizas novas, e essas de não pouco momento (sobre as quaes veja-se Eliano V. H. L. X. 7. e Proclo a *Euclides* pag. 19. 75. 87.) ou ao menos vendido por suas. Lem-se tambem ainda uns poucos de ditos, ou sentenças de Enópides nos Collectaneos de Maximo. *Forster.*

*Traçando circulos:* Algumas coizas, se me não enganano, aqui pertencentes, se referem tanto de Anaxágoras, como de Enópides. A'quelle se acha attribuida por Laercio L. II. 9. esta opinião: τὰ δ' ἄσπερα καί

crevendo, e fingindo certos movimentos, e inclinações dos Astros, firmados ambos nas mãos, e muito embebidos naquelle genero de applicação. Eu porém, que estava sentado a par do Amante de um d'aquelles dois mancebos, dando-lhe de cotovelo lhe perguntei, qual era o objecto, em que tam entretidos estavão os ditos mancebos, e lhe disse desta maneira: Por certo que alguma grande, e bella

ἀρχὰς μὲν θολοειδῶς ἐνεχθῆναι, ὥστε κατὰ κορυφὴν τῆς γῆς τὸν αἰεὶ φαινόμενον εἶναι πόλον ὕψερων δὲ τὴν ἑγκλισιν λαβῆν. *Que no principio se movião os Astros no Ceo á roda da terra em forma de uma abobada esferica, de sorte que o pólo boreal, ou sempre visivel correspondia ao pólo boreal da terra; mas que depois entrarão a adquirir uma inclinação.* E tambem a causa desta mesma inclinação assigna o mencionado Filosofo em Plutarco (*Sobre as Opiniões dos Filosofos L. II. c. 8.*) dizendo: *Que ella se faz por um movimento fortuito do mesmo mundo, e talvez por disposição da Providencia, para que umas partes do globo terrestre fossem inhabitaveis, outras pudessem ser habitadas em razão do maior, ou menor frio, calor, ou temperamento, que nellas domina.* De Enópides tambem refere Diodóro Sículo no fim do Livro primeiro, que elle no Egypto συνδιατρέψαντα τοῖς ἱερεῦσι καὶ ἀστρολογοῖς, μαθεῖν ἄλλα τε, καὶ μάλιτα τὸν ἡλιακὸν κυκλόν, ὡς λόξην μὲν ἔχει τὴν πορείαν, ἐναντίαν δὲ τοῖς ἄλλοις ἀστροῖς τὴν φερόν ποιεῖται. *vivendo, e tratando com os seus Sacerdotes, e Astrónomos se instruiu não só em muitas*

la questão ventilão elles , pois nella põem tanto cuidado. Ao que elle me respondeo: Qual grande e bella? Aquelles não fazem senão palrar sobre coifas do Ceo , e dizer mil pataratas com a sua philosophia. Maravilhado eu desta sua resposta , lhe tornei : Julgas , Amigo , por ventura ser já patarata o filosofar? E senão , para que fallas desse modo tam desentoadado , e defabrido? Então outro ( que , sendo ému-  
lo

*particularidades a respeito dos astros; mas tambem do Sol , cujo movimento proprio , e annuo se faz em um circulo obliquo ao Equador , e com uma direcção contraria ao movimento diurno do primeiro Movel. Quanto porém á obliquidade do Zodiaco , sem embargo de a ter já d'antes Pythagoras ensinado , este Enópides com tudo attribue a si o descobrimento della , como adverte Plutarco sobre as Opiniões dos Filosofos , L. II. c. 12. O mesmo.*

A respeito do primeiro inventor da obliquidade do Zodiaco , e sobre a intelligencia do lugar de Laercio , que fica allegado , veção-se os V. livros de Plutarco *sobre as Opiniões dos Filosofos* , que revistos , traduzidos , e illustrados pelo P. Corfini em um volume de 4. sahirão impressos em Florença no anno de 1750 , a pag. 54 , e XXXIII; com as Observações de Menage a Laercio na Vida de Zenon L. VII. pag. 186. da Edição de folha no anno de 1664.

Então outro: Este interlocutor deve suppor-se com grandissima probabilidade ser Demócrito Abderita , ou , segundo outros , Milésio , aquelle , de quem refere De-

lo deste tal , acertára de ficar sentado junto d'elle ) tendo ouvido a minha pergunta , e a sua resposta , me fallou por este teor : Não fazes , ó Socrates , o que deves á tua pessoa , em perguntar a este se crê ser , ou não , patarata a Filosofia. Por ventura não sabes que elle em toda a sua vida não tratou senão de como havia de offerecer na

Pa-

metrio em Laercio (na Vida do mesmo Demócrito) que por causa do desprezo , que fazia da sua mesma gloria , não procurava dar-se a conhecer entre os Sabios ; e ainda que tivesse occasião de ver a Sócrates , não fôra conhecido deste Filosofo ; tanto assim que elle mesmo o confessa por estes termos : Ἦλθον γὰρ εἰς Ἀθήνας , καὶ οὐτις με ἔγνωκε. *Fui a Athenas , e ninguém me conheceo.* Confirma-se ainda isto , que dizemos , pela auctoridade de Thrasyllus apontada pelo mencionado Laercio no mesmo lugar. Eis-aqui as suas palavras : *Se o Dialogo intitulado Rivaes , he de Platão ( são palavras de Thrasyllus ) este Demócrito podia ser talvez aquella pessoa anonyma , que nelle se introduz a fallar , e um dos dois , que disputarão sobre a questão , que alli se moveo , originada pelo debate dos mancebos a respeito da doutrina de Anaxágoras , e de Enópides , e que na conversação , que teve com Sócrates acerca da Filosofia , lhe disse que o Filosofo era semelhante a um Pentáthlo. E verdadeiramente era este grande homem um Pentáthlo na Filosofia ; por quanto sabia a Fyfica , a Moral , as Mathematicas , as Humanidades , a que finalmente ajuntava um vasto conhecimento , e experiencia de todas as Artes.* A favor desta opinião está o que tambem diz Valerio Maximo (L.

Palestra o pescoço para ser esganado e ferido, e fartar-se de comer, beber, e dormir? Que outra resposta julgas tu que te ha de dar, senão que he pa-

E tra-

VIII. c. 7.) por estas palavras: *Athenis autem compluribus annis moratus (sc. Democritus) omnia temporum momenta ad percipiendam, & exercendam doctrinam conferens, ignotus illi urbi vixit, quod ipse quodam volumine testatur.* Vein a dizer: Demócrito porém tendo assistido muitos annos em Athenas, empregando todos os momentos do tempo que tinha no estado, e exercicio das Sciencias, viveo alli desconhecido a toda aquella Cidade, como elle mesmo attesta em certo livro, que compoz. Veja-se Forster, e em Laercio no lugar citado a causa, porque Platão nos seus Escritos não allega com este Filosofo, e o encomio, que lhe faz Aulo Gellio (L. V. c. 3. e X. 17.) e finalmente Eliano (*Var. Hist.* L. I. c. 23. IV. 20.) com Suidas no nome Eratósthenes, a quem, pela sua varia erudição, alem de outras denominações, tambem chamárão *Pentáthlo*. A significação desta palavra já nós deixámos declarada a pag. 102 das nossas Annotações sobre o Manual de Epicteto.

*Esganado*: A destreza dos lutadores, e esta mesma torcedura do pescoço, e as trêtas, que armavão para vencerem na acção do combate a seus adversarios, descreve (no principio do seu *Anacarsis*, ou dos *Gymnasios*) Luciano elegantemente por estas palavras: *Porque motivo fazem, ó Solon, os vossos mancebos estas coisas, que vou a dizer: Por quanto uns, pondo-se arca partida com outros, se dão sancadilhas, ou cambapés; outros se esganão, e, para se desenvelharem, fazem mil contorsões com o corpo, e se revolvem espóçados no lodo como porcos. Tambem outros logo no principio despindo os vestidos (he coisa que eu vi) se esfregavão, e untavão*

tranha a Filosofia? Ora he de saber que dos taes Amantes o que assim me fallava, era instruido nas Sciencias, e o outro, a quem elle arguía, só se tinha applicado á Gymnastica. Nestes termos assentei que me convinha por todo o modo abrir mão do primeiro, isto he, deixar o tal Athléta, visto não

*com azeite um ao outro mui quieta, e amigavelmente: mas depois, tendo-se desavindo não sei porque, mutuamente se empurravão, lançando-se fóra do seu lugar com a cabeça inclinada, e marrando com ella se investião como carneiros. E havias de tu ver como um delles, tendo levantado em pézo ao outro pelas pernas, o derribou por terra, e depois, saltando sobre elle, não lhe dava lugar a que voltasse o rosto para cima, arrastando-lho pelo lodo. Por fim, tendo-lhe fincado ainda os joelhos em cima do ventre, deitando-lhe um braço á guêla, suffoca miseravelmente o desgraçado, e triste lutador. Veja-se o que vai profeguindo o mesmo Luciano com o seu chiste, e costumado sal; e confira-se igualmente Brünings sobre a significação do verbo τραχηλίζειν a pag. 289, com os Auctores allegados por Forster no *Indice das palavras*.*

*Eartar-se: A respeito do muito comer dos Athléta, e do seu engenho grosseiro, veja-se o que já difemos a pag. 94, e segg. das nossas Annotações sobre o Manual de Epictéto.*

*Deixar o tal Athléta: Este foi sempre o costume de Sócrates nas suas disputas, como elle mesmo afirma em Platão (no segundo Hippias, ou da Mentira) por estas palavras: ἀλλ' αἰεὶ εἴωθα, ἐπειδάν τις λέγῃ τί, προσέχειν τὸν νοῦν ἄλλως τε καὶ ἐπειδάν μοι δοκῆ σοφὸς*

não fazer elle timbre de fer perito nas batalhas do entendimento , mas só exercitado nas forças do corpo ; e voltar-me antes para o segundo , que inculcava fer mais intelligente , fazendo-lhe algumas perguntas , a fim de tirar d'elle , se pudesse , alguma utilidade.

A questão pois , lhe disse eu ,

E ii que

εἶναι ὁ λέγων , καὶ ἐπιθυμῶν μαθεῖν ὃ , τι λέγει , διαπυρ-  
δάνομαι καὶ ἐπανασκοπῶ καὶ συμβιβάζω τὰ λεγόμενα , ἵνα μάθω . ἰάν δὲ Φαῦλος δοκῆ μοι εἶναι ὁ λέγων , οὔτε ἐπα-  
νερωτῶ , οὔτε μοι μέλει περὶ ᾧ λέγει . Antes eu sempre  
tive por costume , no acto em que alguém disputa sobre  
qualquer questão , estar muito attento , principalmente quan-  
do aquelle que discorre , me parece douto ; e com o gran-  
de desejo , que tenho , de comprehender o que elle diz ,  
lhe faço minhas perguntas , examino , e confronto as suas  
respostas , para melhor alcançar o seu pensamento . Mas se  
eu chego a conhecer que he homem desentendido aquelle  
que falla comigo , nem lhe pergunto já coisa alguma , nem  
tam pouco se me dá do que elle diz .

Alguma utilidade : Desta dissimulação , rebuço ,  
disfarce , ou ironia , com que Sócrates insinuava nas  
suas disputas querer antes aprender , do que ensinar ,  
como quem nada sabia , fazem menção entre outros  
Cicero ( *Academ. Quaest. L. IV. 5. De Offic. L. I. c. 30. De Orat. L. II. c. 67.* ) Charpentier ( na *Vida do  
mesmo Socrates* a pag. 296 e segg. ) e finalmente João  
le Clerc nas suas *Silvas Filologicas* a pag. 181 , onde  
diz fallando de Sócrates : *Hinc vulgo Εἶρων dictus , quod  
se nihil scire , posseque a quovis multa discere simularet.*

que ha pouco movi , e propuz , foi em commum ; porem se tu entendes que me has de responder melhor do que este , eu já d'aqui te torno a fazer a mesma pergunta , que lhe tinha feito , e he , se te parece por ventura coisa bella , ou não , o filosofar ? Estando nós dizendo estas , e outras semelhantes coizas , immediatamente os dois mancebos , que já a este tempo nos tinham ouvido , se calarão ; e dando fim a sua disputa , se puzerão a escutar o que diziamos. Parecia-me pois que o Amante , com quem eu tinha acabado de fallar , mostrava pela sua perturbação , e enleio , estar mettido em não menos perigoso lance do que eu ; porém sempre se animou com tudo a responder-me , ainda que muito infunado em vã gloria , dizendo : Se eu alguma hora reputasse , ó Sócrates , por coisa indecorosa o filosofar , nem me teria mais em conta de homem , nem a qualquer outro , que assim o pensasse ; remoqueando , e alludindo com

com estas palavras ao seu competidor, e juntamente dizendo isto em voz alta, para que o percebessem aquelles queridos mancebos. Então eu lhe falei desta maneira: Visto isso parece-te coisa bella o filosofar? Ao que elle me respondeo: Certo que sim.

Pois que vai? tornei eu, parece-te por ventura possível que possa qual-quer decidir se uma coisa he bella, ou torpe, sem que primeiro tenha della um cabal conhecimento? Não, disse elle. Sabes tu pois, continuei eu, o que he filosofar? Muito bem, me respondeo elle. Pois que he, lhe perguntei eu. Que outra coisa he senão o que disse Solon? Por quanto não sei onde deixou escrito: *Envelhêço aprendendo cada dia muitas coisas.*

E

*Envelhêço*: Apontão este dito de Sólon, famoso Legislador dos Athenienses, e insigne Poeta, e Filósofo, o mesmo Platão no Dialogo intitulado *Laques*, ou *do Valor*: e no livro VII da *Republica*, ou *Dialogo sobre a Justiça*: Cicero no *Dialogo sobre a Velhice* cap. 8, e finalmente Valerio Maximo no livro VIII. cap. 7. 14. onde refere que, estando sentados junto delle seus amigos no ultimo dia de sua vida, e prati-

E deste modo julgo ser conveniente que todo aquelle , que deseja ser filosofo , se exercite em aprender todos os dias alguma coisa , tanto na mocidade , como na velhice , para que no decurso de toda a sua vida chegue a ter de todas ellas o mais vasto conhecimento , que imaginar se possa. Este logo á primeira face me pareceo ter algum fundamento no que dizia ; porém depois , tendo reflectido sobre o ponto , lhe perguntei , se por acaso julgava ser a Filosofia algum estudo universal de todas as Sciencias. Ao que elle respondeo que sim. Entendes por ventura , disse eu então , que a Filosofia seja fomite uma coisa bella ,  
ou

cando sobre certo assumpto , levantára a cabeça , estando já em artigo de morte , e que , sendo perguntado porque fazia isto , respondêra : *Ut cum istud , quidquid est , de quo disputatis , percepero , moriar.* Quer dizer : Para que saia desta vida , depois de ter aprendido isso , o que quer que he , sobre que estais disputando. Veja-se este Pentâmetro de Solon tambem inserto como Proverbio entre os de Zenobio *Centur. III. 4.* de Diogeniano *Cent. III. 80.* e de Suidas *Cent. IV. 80.* nos Adagios compilados por André Escotto , e impressos em Anvers no anno de 1612 em 4.

ou assentas que tambem he boa? Eu, respondeo elle, tenho-a tambem por muito boa. Achas por ventura que isso he uma coisa particular á Filosofia, lhe disse eu, ou tens para ti que tambem he transcendente, e universal em todas as outras Artes? Por exemplo reputas ser não só bello, mas igualmente bom o estudo da Gymnastica, ou não? Então elle, galanteando com muita ironia, me respondeo por duas formas, dizendo: A este differa eu que nem uma coisa, nem outra he; porém a ti, o Sócrates, confesso que não só he bello, mas juntamente bom. Visto isso julgas tu que no emprêgo da Gymnastica o estudo della consiste em fazer tambem todos os exercicios? E certamente que sim, me respondeo elle, assim como assento que na cultura do nosso raciocinio, e discurso a Filosofia consiste em aprender

*A este differa eu:* Note-se bem o pingo destas palavras do Filosofo contra o Athleta, e em descredito de todos aquelles, que fazem pouco caso da instrucção, e do estudo das Sciencias.

der é procurar saber tudo. Mas julgas tu, lhe perguntei eu, que os applicados á Gymnastica desejem alguma outra coisa mais do que aquella boa disposição, que os faz bem fornidos de membros, e robustos? Sem dúvida, respondeo elle, que se não propõem outro fim. E por ventura, insitei eu, o grande numero de exercicios he que lhes dá a valentia de membros? Pois como seria possível, disse elle, que tivesse qualquer o corpo robusto só por meio de um pequeno numero de exercicios? Neste passo julguei ser já a proposito, e coisa acertada tirar a terreiro o tal Athléta, para que, segundo a experiencia, que tinha da Gymnastica, se puzesse da

*Segundo a experiencia, que tinha da Gymnastica:*

Aqui temos uma coisa digna de algum reparo, e he, porque motivo, tendo Sócrates aberto mão do Athléta, para com elle não disputar sobre a Filosofia, procura agora consultálo sobre a Gymnastica? Póde servir de commentario a este lugar o que diz o P. Vieira na II. Parte dos seus *Sermões* impressos na Officina de Miguel Deslandes no anno de 1682 a pag. 221. onde finalmente remata com este Epifonéma: *Tanto impor-*

da minha parte , ajudando-me nesta disputa. Assim que , virando-me para elle , lhe perguntei : Porque estás assim calado entre nós , ó meu bonissimo Amigo , ao tempo que ouves falar este rival ácerca da tua profissão? Assentas por ventura igualmente , como elle , que os homens possão ter os membros assás vigorosos pelo grande numero de exercicios , ou antes pelos moderados? Quanto a mim , ó Sócrates , me respondeo então elle , mui persuadido estive sempre até o ponto desta hora , que bem certo he o que vulgarmente se costuma dizer , que os exercicios moderados he que fazem , e adquirem a boa disposição do corpo. E queres saber donde tiro a

p<sup>ro</sup>-

*ta , que vote cada um no que exercita , e que aconselhe no que professa.*

*Os exercicios moderados:* D'este lugar se collige ter já passado a proverbio naquelle tempo entre os Athlétas da Grecia o que nelle diz Platão , e escreve tambem Hippócrates (L. VI. *sec. 6* *Ἐπιδήμιων.*) a pag. 812 da Edição de Vander Linden , por estas palavras: *πόντοι , σιτία , ποτὰ , ὕπνος , ἀφροδίσια , μέτρια . Os exercicios , os alimentos , as bebidas , o somno , o uso de Venus , tudo ha de ser com moderação.*

prova deste conceito? Não vamos mais longe, olha para esse pobre homem: não vês como anda cahindo com somno, e se defrauda do proprio sustento,

*E queres saber*: As palavras do Texto Πῶθεν δὴ; postas, como fez Dacier, na boca do Athléta, que está fallando, vem a dizer o que exprime a nossa Traducção; mas, proferindo-as Sócrates, conforme o parecer de Forster, podem traduzir-se do seguinte modo: D'onde tiras, disse eu, a prova e fundamento do que dizes?

*Anda cahindo com somno*: Similhante a esta he a linguagem de um Centurião, que introduz Persio tambem a fallar contra os que se applicão ás Lettras, fazendo-o discorrer (Sat. III. v. 77, e segg.) como ordinariamente costumão do seguinte modo:

*Hic aliquis de gente hircosa centurionum*

*Dicat: quod sapio, satis est mihi: non ego curo*

*Esse quod Arcefilas aerumnosique Solones,*

*Obstipo capite, & figentes lumine terram,*

*Murmura cum secum, & rabiosa silentia rodant,*

*Atque exporrecto trutinantur verba labello,*

*Ægroti veteris meditantés somnia: Gigni*

*De nihilo nihil, in nihilum nil posse reverti.*

*Hoc est, quod palles? cur quis non prandeat, hoc est?*

*His populus ridet: multumque torosa juvenus*

*Ingeminat tremulos naso crispante cachinnos.*

O entêndimento destas palavras he vario nos Commentadores, e Traductores de Persio, como Celio Secundo Curião, Juvencio, Monnier, Tarteron, Marolles, Diogo Lopes, e outros; mas pôde ser como se segue: Neste passo algum da hedionda e vellosa casta dos Centuriões me dirá: Sei o que me basta; não pertendo ser outro Arcefilas, nem tam pouco similhante a esses Filozofos

to, com o pescoço esgalgado, e elle feito um mirra, tudo por andar sempre a braços com o estudo da Filosofia? Os dois mancebos, tanto que lhe ouvirão dizer estas palavras, gostando da lembrança, desatárão a rir,

*abetumados, e sotranções, como foi Solon, e outros taes, que andão cabisbaixo, e com os olhos fitos no chão, quando apparecem fallando entre dentes, e remoendo as suas cansadas provas, e conceitos; e pêsão as palavras estendendo os beiços a modo de balança, influidos em disparates, e desvários bem como de um antigo enfermo, e taes como este: Que nada se gera de nada, que nenhuma coisa se pode tornar em nada. E então este he o motivo porque andas com o rosto amarello, e pallido? Isto he o porque muitos deixão de jantar? A estas palavras do Centurião se ri a gentalha do povo, e os mancebos Militares mui robustos, franzindo o nariz duplicão ainda mais as gargalhadas de riso.*

Neste lugar he digna de observação, como tambem Forster deixou advertido, a perfeita correspondencia das palavras do Athléta com as que já lhe disse o Filosofo a pag. 7. Por quanto ao pescoço esgalgado se oppõe aqui o esgalgado, á fartura de comer e beber a falta de sustento, e ao muito somno a continuada vigilia.

*Desatárão a rir:* Aconteceo isto na Aula deste Grammatico, mas sem dúvida não havia de ser assim na Academia; porque nella nem o rir era permittido, como escreve Eliano (*Var. Hist. L. III. c. 35.*) a fim de conservarem este lugar (tam sério, como os mais de similhante exercicio) isento de tudo quanto era fazer-lhe injuria pela falta de attenção, que ordinaria-

e o Filósofo da outra parte ficou todo injuriado, e corrido. Então, proseguindo com elle a disputa, lhe disse: Pois que te parece? Confessas já que nem o grande, nem o pequeno numero de exercicios fazem ter aos homens a boa disposição do corpo, mas sómente os moderados? Ou queres por ventura impugnar e contradizer a nós ambos sobre este ponto? Eu de muito boa vontade, me respondo então, debateria com esse, e estou bem certo que me havia de ter com elle, provando-lhe a opinião, que propuz, e tambem outra qualquer, ainda que fosse, a respeito da que proferi, de menor probabilidade, e verisimilhança; pois em fim sempre he arguente de duzias. Mas

com-  
mente argúe o riso, ou por algum principio de ociosidade.

*Contradizer a nós ambos:* Allude Sócrates ao Adagio dos Gregos *Ὅδ' Ἡρακλῆς πρὸς δύο*, que traduzio Vieira (na III. Parte dos seus Sermões a pag. 258.) *Nem Hercules contra dois.* Catullo (*in Epithalam. Manlii & Juniae*) tambem disse: *Noli pugnare duobus.* O mesmo Platão aponta o referido Proverbio no Fédo, e no undecimo das Leis.

comtigo não pretendo sustentar nenhum paradoxo contra o meu sentimento ; e assim confesso que não são os muitos, mas sim os moderados exercicios , que fazem o corpo robusto aos homens. E que diremos nós dos alimentos ? tornei eu , por ventura far-nos-hão ter a mesma disposição tomados com mediania , ou em grande abundancia ? Tambem confessou o mesmo ácerca dos alimentos. Em summa procurei fazêlo sujeitar ao dictame de que todas as outras coisas , que dizem respeito ao corpo , sendo com moderação , aproveitavão muito , e pelo contrario nenhum bem fazião , intervindo no uso dellas parvidade , ou demazia. E elle confessou de plano que em tudo era bom um justo meio. Mas em que assentaremos nós , lhe perguntei eu , ácerca das coisas concernentes ao espirito ? Por ventura , quando alguém lança mão dellas ,

apro-

*Contra o meu sentimento* : E tal he o officio , ou ministerio do Filosofo , averiguar sem rebuço a verdade.

aproveitão-lhe as moderadas , ou as excessivas ? Respondeo que as moderadas. E as Sciencias , disse eu , não são ellas do numero destas coisas , e destes alimentos , de que se nutre o espírito? Confessou que assim era. Segue-se logo , continuei a dizer , que de todas ellas só as moderadas aprovei-

*Só as moderadas aproveitão* : Esta mediocridade aurea em todas as coisas da vida se acha merecidamente recommendada e engrandecida pelo Rifão dos Gregos Μηδὲν ἄγαν , a que no Latim corresponde o de Terencio ( *Andr. Act. I. Sc. 1. v. 34.* ) *Ne quid nimis* ( *sc. agas* ) e no Portuguez : *O demaziado rompe o sacco* : ou : *Nem tanto , nem tam pouco* : e este : *Nem tanto Amen , que se dane a Missa* : ou ainda : *Tam máo he o sobejo , como o minguado*. Julgão muitos , como diz Manucio , que este Proverbio foi nascido na lingua de Homero , como fonte , e depois confirmado na penna dos Escritores , que se seguirão. Por quanto deixou escrito aquelle inlign Poeta ( *Odyss. L. XV. v. 69.* ) esta sentença :

. . . νέμισσῶμαι δὲ καὶ ἄλλω  
 Ἄνδρ' ἕνωδόκω , ὅς κ' ἔξοχα μὲν φιλέησιν ,  
 Ἐξοχα δ' ἐχθαίρῃσιν · ἀμείνω δ' αἰσιμα πάντα.

Quer dizer , segundo a Traducção do Secretario Gonçalo Perez :

. . . porque a mi me descontenta  
 Qualquer huesped que quiere fin medida ,  
 Y aborrece en estremo : porque siempre  
 Es mejór lo decente y modcrado.

Confira-se Horacio ( *L. I. Sat. 1. v. 106.* ) com os Adagiógrafos.

veitão , e as demaziadas prejudicão?  
Tambem concordou no mesmo.

E com quem iremos nós ter positivamente , disse eu , para lhe perguntar quaes seião os exercicios , e alimentos moderados para beneficio do corpo? Quanto a isto , conviemos todos tres que se devia consultar o Medico , ou o Pedótriba. E de quem poderemos nós saber a justa porção de semente , que se deve lançar á terra? Confessámos tambem que se havia de tomar o parecer do Lavrador. Ora , continuei a dizer , e com quem nos aconselharemos nós prudentemente sobre quaes , e quantas devão ser as Sciencias , que intentarmos semear , e plantar no espirito? Aqui ficámos todos indecisos , e perplexos. Então  
eu

*Pedótriba* : Isto he , o Mestre da arte Athlélica. No tocante porém ao ministerio , e profissão do Pedótriba , sem fallar nos que magistralmente já escreverão sobre a Gymnastica , tratão com especialidade Espanhemio (*ad Aristoph. Nub. v. 969 , 973.*) e Perizonio *ad Ælian. V. H. L. II. 6. Forster.*

A'cerca de se deverem consultar os Professores das Artes veja-se o que tambem diz em Platão o mesmo Socrates no primeiro *Alcibiades.*

eu lhes fiz esta pergunta em ar de quem gracejava com elles : Quereis vós, disse eu, que, visto acharmo-nos assim encalhados, proponhamos a nossa dúvida a estes mancebos ? Ou então envergonhamo-nos talvez disto, como conta Homero dos rivaes, e pertendentes de Penélope, que nenhum outro, depois delles não podem, julgavão ser capaz de armar o arco de Ulyffes. Mas como eu vi que estavão descorçoados sem poder dar resposta á minha pergunta, tomei logo outra vereda para averiguação do nos-

*Como conta Homero* : No vigesimo primeiro livro da Odysséa v. 285 os amantes de Penélope claramente dão testemunho do receio que tinham de que o pobre andrajoso, que não estava ainda reconhecido por Ulyffes, armasse o arco, de que Penélope devia ser o premio. *Dacier.*

Note-se neste dito de Sócrates o fal, e agudeza maravilhosa, com que vem a comparar os rivaes interlocutores deste Dialogo com os pertendentes de Penélope; e ao mesmo tempo o paralelo que faz da perfusão, em que estavão estes, de que nenhum outro, depois delles não poderem, era capaz de armar o arco de Ulyffes, com a em que talvez aquelles mostravão estar de que nenhum outro, visto elles não saberem, responderia tambem á pergunta que lhes tinha feito.

nosso ponto, e lhes disse: Quaes presumimos nós que são principalmente as Sciencias, que deve aprender o Filofofo, já que não ha de procurar saber todas, nem ainda o maior numero das que puder? Então, acudindo logo d'alli o mais intelligente, começou a dizer, que as Sciencias mais bellas, e proporcionadamente convenientes ao espirito do homem erão aquellas, de que pudesse cada um tirar avultadissima gloria para o estudo da Filosofia; e que só alcançaria uma prerogativa tam plausivel como esta, o que em todas as Artes désse mostras de ser instruido, e quando o não fosse

F

em

*O que em todas as Artes désse mostras de ser instruido*: Neste lugar, depois de bem considerado, ou o Interlocutor pretende que o Filofofo deve aprender todas as Artes Mecanicas (ao menos a theoria dellas) ou as Liberaes, se não todas, as de maior estima, e relevancia. Quanto ao primeiro sentido, parece que se póde confirmar não só com as palavras do mesmo Interlocutor, quando em primeiro lugar estabelece que o Filofofo em todas as Artes (entendendo talvez as Liberaes e Mecanicas) dê mostras de ser instruido; mas tambem com o que mais adiante diz Sócrates, concluindo pelo contrario ser infamia o emprego das taes artes Mecanicas: e no tocante ao segundo, que

em todas , ao menos na maior parte d'ellas , e sobre tudo nas que erão de maior estima , e relevancia ; pondo-se

a

he o que segue Tiedemann , prova-se , como se vé , das palavras expressas do mencionado Interlocutor , e da immediata resposta de Sócrates , que he como se differa : Ah: já me parece que vou cahindo no que dizes. Como tu podes ter por pouco mais de nada um Official Mecanico , até comprando-o por teu escravo ; e porque te não será outrossim facil comprar , ainda que seja a poder de muito dinheiro ( visto haver tanta falta delles entre os Gregos ) por exemplo um Arquitecto , cuja Sciencia , e Arte não he manual ; por isso he que tu preferes as Artes , que dependem das operações do entendimento ás que se exercitão pela industria das mãos. E ao que Socrates adiante diz a respeito de ser o emprêgo das artes Mecanicas uma deshonra ( que he o com que se pôde tambem confirmar o primeiro sentido ) responde-se que Sócrates envolve alli para o seu intento as artes Liberaes , e Mecanicas , insinuando que as primeiras não se podem aprender todas por ser impossivel ; e as segundas , além desta impossibilidade , tem de mais a mais o desfar de serem uma deshonra para aquelles , que as exercitão. Quanto mais que Socrates pôde tambem impugnar alli o systema , que naquelle tempo seguião muitos , de aprender sem dúvida por ostentação o maior numero de Artes e Sciencias , que podião , como fez por exemplo Hippias , de quem falla Cicero ( *De Orat. L. III. c. 32.* ) por estas palavras : *Namque illos veteres doctores auctoresque dicendi nullum genus disputationis a se alienum putasse accepimus , semperque esse in omni orationis ratione versatos : ex quibus Eleus Hippias , cum Olympiam venisset maxima illa quinquennali celebritate ludorum , gloriatus est , cuncta paene audiente*

a aprender por isso entre todas estas  
mesmas Artes aquellas , que importa

F ii

fa-

*Graecia , nihil esse ulla in arte rerum omnium , quod ipse nesciret : nec solum has artes , quibus liberales doctrinae atque ingenuae continerentur , geometriam , musicam , litterarum cognitionem & poetarum , atque illa , quae de naturis rerum , quae de hominum moribus , quae de Rebus publicis dicerentur : sed annulum , quem haberet , pallium , quo amictus , soccos , quibus indutus esset , se sua manu confecisse . Scilicet nimis hic quidem est progressus : sed ex eo ipso est conjectura facilis , quantum sibi illi ipsi oratores de praeclearissimis artibus appetierint , qui non sordidiores quidem repudiarent . Quer dixer : Por quanto nós sabemos que aquelles antigos Mestres de Eloquencia , e famosos Oradores nenhun genero de disputa julgavão ser atheio do seu ministerio , e que sempre andavão versados em tudo quanto podia ser materia de um Discurso . No numero dos quaes entra Hippias de Elide , que , tendo chegado á Cidade de Olympia no tempo daquella tam grande celebridade dos Jogos , que alli se fazião de sincoenta em sincoenta mezes , ouvindo-o quasi toda a Grecia , não dauidou jactar-se de que entre todas as coisas nenhuma havia , que fosse objecto de qualquer Arte , a qual escapasse ao seu conhecimento : que não somente sabía as artes Liberaes , como a Geometria , a Musica , a Grammatica , a Poesia , a Fysica , a Moral , a Politica ; mas ainda que o mesmo anel , que trazia no dedo , a capa , que punha sobre os hombros , e os soccos , ou sandalias , que levava nos pés , tudo tinha feito por suas proprias mãos . Por certo que se adiantou sobejamente no gosto da instrucção ; mas pelo que este mesmo praticou , facilmente podemos conjecturar , com quanto zelo aquelles primeiros Oradores procurarão instruir-se nas Sciencias , e artes Liberaes , pois que se não dedignarão de aprender até as Mecanicas . Isto mesmo , e ainda outras circumstancias mais se achão em Plação ( no II.*

saberem as pessoas bem nascidas , e que dependem dos habitos , e operações

*Hippias* , ou *da Memira* ) que he d'onde Cicero tirou o que delle affirma deixou escrito : e em *Apuleio* ( *in Florid.* ) que tambem se deteve algum tanto em relatar as prendas deste *Sofista*. Porém este systema , além de involver impossibilidade moral , pois , como diz *Platão* no oitavo das *Leis* , δύο δὲ ἐπιτηδεύματα ἢ δύο τέχναις ἀκριβῶς διαποιεῖσθαι , σχεδὸν οὐδεμία φύσις ἰκανὴ τῶν ἀνθρώπων · não ha talento humano a bem dizer , que possa exercitar perfeitamente duas profissões , ou duas Artes : e *Xenofonte* no oitavo da *Cyropedia* , capitulo segundo , ἀδύνατον οὖν πολλὰ τεχνώμενον ἀνθρώπων πάντα καλῶς ποιεῖν · he sem dúvida impossivel que faça bem todas as coisas aquelle homem , que se põe a trabalhar em muitas : além de involver , digo , a tal impossibilidade , implica inteiramente com a policia , e governo das Cidades mais bem ordenadas , onde cada Cidadão deve ter um só officio , em que se occupe , como se pôde ver no mesmo *Platão* , e em *Xenofonte* nos lugares , que ficão allegados ; e o *P. Vieira* na primeira Parte dos seus *Sermões* ( a pag. 480 ) o diz tambem do seguinte modo : Não era *Christão Platão* , e mandava na sua *Republica* , que nenhum official pudesse aprender duas artes. E a razão que dava , era : Porque nenhum homem pôde fazer bem dois officios. Se a capacidade humana he tam limitada , que , para fazer este *Barrete* , são necessarios oito homens de artes , e officios diferentes ; um que erie a lâ ; outro que a tresque ; outro que a carde ; outro que a fie ; outro que a teça ; outro que a tinja ; outro que a toze ; e outro que a corte , e a coza : se nas Cidades bem ordenadas o official , que molda o ouro , não pôde lavar a prata ; se o que lava a prata , não pôde bater o ferro ; se o que bate o ferro , não pôde fundir o cobre ; se o que funde a cobre , não pôde moldar o chumbo , nem tornear

ções do entendimento , e não do ministerio , e industria das mãos. Ah ! logo dizes tu isso , lhe tornei eu ; pelo que succede em qualquer arte Mechanica ? Sim ; porque poderás comprar um Official primoroso n'alguma dellas por finco , ou quando muito seis minas ; porém não acharás um Arquitecto-

*o estanho : no governo dos homens , que são metaes com uso de razão , no governo dos homens , que he a arte das artes , como se hão de ajuntar em um só homem , ou se hão de confundir nelle tantos officios ?* Falla contra os que tem muitos emprêgos. Em fim Marcial (L. II. Epig. 7.) depois de ter motejado a Attalo de entremettido em varias artes , remata com bastante chiste , dizendo :

*Vis dicam quid sis ? magnus es ardelio.*

Em Portuguez vem a dizer : *Queres tu que eu te diga o que es ? Es um grande mexilhão.*

*E não do ministerio , e industria das mãos :* Veja-se Maximo Tyrio *Dissert.* XXXVII. pag. 435 da Edição de Davifio.

*Por finco , ou quando muito seis minas :* Isto he , por vinte mil reis , ou quando muito finco moedas.

*Arquitecto :* A sciencia , ou arte dos Arquitectos não he manual , como no-lo confirma o mesmo Sócrates em Platão (*Politic.* pag. 10 do Volume VI. da Edição Bipontina) por estas palavras : *ΞΕΝ. Καὶ γὰρ ἀρχιτέκτων γε πᾶς , οὐκ αὐτὸς ἐργασίης , ἀλλὰ ἐργατῶν ἀεχων. ΣΩ. Ναι.* Hosp. *Por quanto nenhum Arquitecto se serve do ministerio das suas proprias mãos , antes dá regras e direcções aos que usão da industria dellas.* Soc. *Affim he.* Veja-se , além de Cicero (*De Offic.* L. I. c. 42.) o *Divertimento Erudito* do P. Fr. João Pacheco

tecto ainda que seja por dez mil drachmas. Com tudo não he isto de espantar, quando ha mui poucos entre tanta multidão de Gregos. Não vem a ser pois estas Artes as de que tu fallas? O Filosofo porém, que atéqui me tinha dado séria attenção, confessou que isto mesmo era o que elle dizia. Então lhe perguntei eu se não era impossivel que um homem aprende-

co, Tom. II. pag. 266. com o *Commentario a Vitruvium* de Bernardino Baldo, que se intitula: *De Verborum Vitruvianorum significatione*, impresso em Ausbourg no anno de 1612. na palavra *Architectura*.

*Por dez mil drachmas*: Isto he, por dois mil cruzados. Quanto á venda dos Officiaes, bem se sabe que valião os Escravos á proporção do seu talento, das suas prendas, e habilidades, como nos ensinão os Escritores de Antiguidades, e o dá tambem a entender Plauto (*in Captiv. At. II. Sc. 2. v. 24.*) por estas palavras:

*Euge, pol Thalem talento non emam Milesium:*

*Nam ad sapientiam hujus nimius nugator fuit.*

*Us facete orationem ad servitatem contulit!*

Vem a dizer: *Que dita! Eu certamente se me offerecessem Thales Milesio para o comprar, não daria por elle um talento; porque á vista da prudência e diserção deste Filócrates, não foi mais que um refinado samicas, e ridiculo pedante. Quam engraçadamente, e com que bello modo soube elle accommodar as suas palavras, e empregálas em louvor da escravidão! Confira-se Manoel Mendes da Vidigueira na Vida de Esopo, a pag. 3. e segg.*

desse deste modo só duas Artes, quanto mais muitas, e sobre esta multidão extensas. Ao que elle me respondeo: Não tomes o que eu digo, o Sócrates, como se affirmára que ao Filosofo importa saber cada uma destas Artes com a mesma perfeição, e miudeza, como qualquer Professor, que exercita unicamente alguma dellas; mas sim que basta sabê-las, como he decoroso a um homem cortezão, e polido; e isto em gráo tal, que possa entender melhor que os outros o que dizem os Artifices, e chegar outrosim a dar elle mesmo sobre ellas o seu voto com algum acêrto: de maneira que em tudo quanto diz respeito ás sobreditas Artes, ou se haja de dizer, ou fazer alguma coisa, mostre sempre ser entre os que se acharem presentes um fogueito de gosto finissimo, e em comparação delles o mais atilado. Tendo ouvido estas razões eu (porque ainda estava na dúvida do que elle queria dizer) lhe fallei desta maneira: Ora

vê

vê se penétro bem a idéa que tu concebes do Filosofo. Pretendes pois , segundo entendo , que o Filosofo seja a respeito dos Artifices o mesmo que são os Pentáthlos na acção do combate comparados com os corredôres , ou lutadores. Por quanto aquelles he innegavel que ficão á vista destes com inferioridade no exercicio , que he peculiar a cada um , e por isso correndo parelha com elles , não tem senão o segundo lugar ; ao mesmo tem-

*Pentáthlos* : He este lugar de uma perfeita belleza , e foi elle o que suggerio e Longino a idéa da comparação , que fez de Demósthene com Hyperides , e que eu já expliquei nas annotações sobre este Rhetorico , cap. 28. p. 171. *Dacier.*

*Por quanto aquelles* : Isto he , os Pentáthlos.

*A' vista destes* : Isto he , destes corredores , ou lutadores. Nós affirma abraçámos a lição de *πρὸς τοὺς δρομέας* , ἢ τοὺς παλαιστὰς , e não *πικταςὰς*. Veja-se le Clerc nas *Silvas Filologicas* a pag. 274 , e depois d'elle Forster.

*Não tem senão o segundo lugar* : Sim ; porque os Pentáthlos empregando-se no exercicio de cinco certames , não podião ter nelles a mesma destreza , que tinhão , por exemplo , os corredores na carreira , ou os lutadores na luta , a que unicamente se applicavão ; d'onde vinha que , pôstos em campo com estes , ficavão tendo , a respeito delles , o segundo lugar , pois de ordinario se vião obrigados a pedir quartel ; porém

po que logrão a primazia sobre os mais Athlétas , e os vencem nos certames. Eis-aqui talvez o effeito pouco mais ou menos , que tu dizes fortir o estudo da Filosofia em todos aquelles , que se dão a ella : queres sem dúvida que aos Filósofos levem superior vantagem os Mestres no conhecimento das suas respectivas Artes, e que, tendo assim o segundo lugar , excedão aos outros , que nellas quizerem interpôr o seu juizo ; e por consequencia que venha sempre a ser o Filosofo em todas as Faculdades, e em cada uma dellas , bem como um homem da segunda classe. Por aqui vai , se me não engano , a idéa , que me queres dar do Filosofo. Genuinamente comprehendeste , ó Socrates , me disse elle , o meu pensamento ácerca do Filosofo , pois o assimilhaste

a  
quando emparelhavão na contenda com os outros Athlétas , que se exercitavão nos mesmos certames , então claro está que , achando-se em iguaes circumstancias , havião de levar a palma os que no combate se houvessem com maior destreza , e valentia.

*Pois o assimilhaste a um Pentáthlo : Parece que De-*

a um Pentáthlo ; por quanto deve na verdade fer tal , que se não applique meramente como escravo a uma só coisa , nem se esmere nella com tanto desvêlo , que em quanto se entregar só a uma , fique hospede , como fazem os Artifices , em todas as outras ; mas fim que tenha no complexo , e collecção d'ellas uma tintura dos seus principios.

De-

inocrito com esta resposta se retrata a si mesmo no presente lugar. Veja-se a Nota a pag. 6.

*Uma tintura dos seus principios :* Applique-se aqui o dito de Marcial , que já deixámos apontado a pag. 27 , e nós exemplifiquemos isto em uma das artes ( são palavras de Fr. Heitor Pinto a pag. 391. ) para que se possa applicar ás outras. *A sciencia do Direito Civil he alta , e maravilhosa philosophia Moral , cujos preceitos são viver honestamente , não empecer a ninguem , dar a cada um o seu : e com isto tem muitas antiquallas , e coisas de entendimento muito saborosas. Quantos começam a estudar este Direito , todos , ou quasi todos pretendem chegar ao cume delle : muitos dos quaes vendo quam pouco podem subir , contentão-se com saber fazer um libello , e esgaravatar uma demanda , ordinar uma cavillação , subtilizar uma esparrella , inventar um engano , fazer uma rede de bulras para enredar as partes , tudo para seu proprio interesse com dispendio de sua consciencia. Esta he a linha Equinocial , aonde chegam , e d'ahi não passam. Note-se bem aonde vai dar consigo a ignorancia de cada um principalmente no seu ministerio , e observe-se de cami-*

Depois desta resposta , como eu ainda desejava saber claramente o que elle vinha a dizer , lhe perguntei se por ventura julgava que as pessoas habeis , e de prestimo erão uteis , ou inuteis.

Certamente que são uteis , ó Socrates , me respondeo elle.

Nessa conformidade se as habeis são uteis , não se segue d'ahi que também as inhabeis são inuteis?

Concordou no mesmo.

Pois que te parece ? Julgas por ventura que os Filósofos são uteis , ou não ?

Respondendo a isto , confessou que erão uteis ; e nenhuma dúvida poz em accrescentar que elle de mais a mais os reputava por utilíssimos.

Eia , vejamos pois se isso , que tu dizes , he verdade ; e examinemos como póde ser que nos sejam uteis uns homens , que são , a respeito de

ou-

nho a frase *esgaravatar demandas* , que he também de Gaspar Barreiros a pag. 176 v. da sua *Corografia*.

outros, da segunda classe? Por quanto está-se mettendo pelos olhos que o Filofofo dêsse modo fica certamente inferior a qualquer dos taes Artifices na sua profissão.

Conveio tambem nisto.

Ora dize-me lá agora, lhe tornei eu, se ou tu mesmo estivessees doente, ou algum dos teus amigos, por quem fazes grande extremo, por ventura para haver de tratar do restabelecimento da saude, que eu supponho num ou noutro perdida, levarias a casa o Filofofo, esse homem do segundo lote, ou farias antes chamar um Medico?

Eu pela minha falos-hia vir ambos, me respondeo elle.

Não te pergunto se ambos; mas qual delles principalmente, e em primeiro lugar mandarias vir?

Boa

*Eu pela minha falos-hia vir ambos:* Este he o malicioso costume de muitas pessoas darem respostas avessas, e torcidas ao que se lhes pergunta, para não serem facilmente apanhadas, nem convencidas.

Boa dúvida, me respondeo elle, isso ninguem haveria que deixasse de chamar antes e primeiro que todos o Medico.

E que farias tu no meio do mar sobrevindo-te ahi uma furiosa tempestade, confiarias antes a tua pessoa, e fazenda, que levasses, do Piloto, ou do Filosofo?

Eu certamente do Piloto, me respondeo elle.

Visto isso pelo que respeita a todas as outras coisas, em quanto se achar e houver Professor, a cujo ministerio ellas pertencem, não ficará sendo o Filosofo desse modo uma pessoa muda, e por conseguinte inutil?

Assim parece, me respondeo elle.

Segue-se d'ahi agora, tornei eu, que o Filosofo he um homem inutil, pois não faltão Artifices em todas as coisas, que se nos offerecem. Por quanto já conviemos em que as pessoas

*Boa dúvida*: Reperguntado agora por Socrates, dá o Interlocutor esta resposta, que por malicia queria evitar á primeira pergunta.

foas habeis erão uteis , e as inhabeis inuteis. Elle não tinha mais remedio que render-se á verdade , e força deste argumento.

Então para que he mais ? Que lugar me fica a mim , de te fazer depois dessa tua confissão mais perguntas ? Por ventura não será já demaziada grosseria e incivilidade querer apertar-te ainda mais com outras instancias ?

Pergunta-me o que quizeres , me respondeo elle.

Da minha parte nenhuma outra coi-

*Elle não tinha mais remedio:* Estas palavras de Sócrates fazem ver que o tal Filosofo , com quem elle fallava , ou com o silencio , ou gesto , ou com alguma resposta vaga , e sem vir a-proposito , que por isso talvez a não declara , mostrou reconhecer o quináo na consciencia , tendo-se já rendido á força do seu argumento.

*Então para que he mais ?* Tendo de discorrer sobre o ministerio primario e proprio da Filosofia , parece que põe em dúvida , e como que refuta todas as razões antecedentes já dadas e provadas , as quaes elle ao depois concluirá todavia serem verdadeiras , e bem estabelecidas. *de Serres.*

He este lugar uma prova da cortezia e urbanidade , que Socrates guardava nas suas disputas , mostrando querer pôr já o sello á do presente Dialogo.

coisa pretendo, lhe tornei eu, senão que convenhamos de novo em tudo o que temos affentado. Por onde o que diffemos, he pouco mais ou menos como agora vou repetir. Confessámos em primeiro lugar que a Filosofia era uma coisa bella, e que nós os Filósofos eramos uns homens insignes; e tambem que os Filósofos erão habeis, e que as pessoas habeis erão uteis, e por consequencia as inhabeis inuteis. Depois disto igualmente concedemos que os Filósofos são inuteis, em quanto ha Professores de cada Arte ou Sciencia; e que estes sempre apparecem. Não he isto o em que nós conviemos?

Isso mesmo he, respondeo elle.

Então desse modo vimos a confessar, como parece, reflectindo no teu discurso, que, visto ser, como tu dizes, o filosofar não mais que ter a sciencia de todas as Artes, em quanto

*Confessámos em primeiro lugar*: Faz aqui Sócrates uma engenhosa recapitulação dos pontos principaes, que tinham ficado já confirmados, e estabelecidos.

to ellas florecerem entre os homens, ninguém por esta fórma terá em conta os Filósofos, e assim ficarão reputados por inúteis. Mas não he isto, meu amigo, da maneira que pensas. Por quanto, nem o filosofar consiste na curiosa, e universal applicação ás Artes, nem tam pouco em gastar cada um a sua vida intromettendo-se aguçoso em todas as occupações alheias, tomando-as a peito, nem tratando de aprender o maior numero das que lhe for possível, antes porém he outra coisa mui differente; porque estou persuadido que isto he certamente uma deshonra, e que todos aquel-

*Que isto : Quer dizer, o exercicio das artes Mechanicas.*

*He certamente uma deshonra : Não só os Gregos, mas ainda os Egypcios, Scythas, Persas, e Lydos tinham por baixos e vis todos aquelles, que se occupavam em officios Mechanicos. Assim o escreve Alexandre ab Alexandro (Genial. Dier. L. V. c. 18.) por estas palavras : Denique Aegyptii, Graeci, Scythae, Persae, & Lydi, omnes, qui artificio incumberent, pro ignobilibus dacebant. Tambem o lemos em Xenofonte (Econom. §. 9. segundo a divisão de M. Dumas) que foi um dos discipulos de Socrates, do seguinte modo: Sem dúvida que dizes bem, ó Critobulo. Por quanto as*

aquelles, que nestas Artes se occupão tem o nome de mecanicos.

G

Po-

artes chamadas Mecanicas na verdade são baixas, e com razão desestimadas em muitas Cidades; porque arruinão o corpo dos Officiaes, que nellas trabalhão, e se exercitão; obrigão-nos a estar quasi sempre sentados, e mettidos em casa entre duas paredes; e algumas ha, que os fazem pôr-se ao lume todo o dia. Por onde attenuado o corpo com esta lida, tambem o espirito fica muito mais languido e enfraquecido. Além de que, estas artes Mecanicas le-vão-lhes a maior parte do tempo, e apartão os taes homens do cuidado que devem ter de seus amigos, e do Estado; tanto assim que nem parecem servir de utilidade aos mesmos amigos, nem de soccorro á sua Nação. D'aqui vem que em muitas Cidades, principalmente naquellas, que dão mostras de serem mais bellicosas, não he permittido a Cidadão algum trabalhar nas taes artes e officios Mecanicos. Estas palavras são de Socrates; e falla desta maneira, porque tinha para si, como vai dizendo por diante, que só devião ser emprêgo de um Cidadão a Agricultura, e arte Militar; profissões, que Dionysio de Halicarnasso (*Antig. Rom. L. II. c. 28.*) refere ter sómente reservado Romulo aos nacionaes de Roma, por uma razão Politica; mas a filosofica, e moral, quanto ao desprezo das artes Mecanicas, dá o mesmo Socrates (no I. *Alcibiades*) e he, porque, sendo a sabedoria, como elle diz, conhecer-se cada um a si mesmo, e como nenhum Artifice pôde alcançar esta pela sua arte, por serem objecto dos seus cuidados e applicações coisas relativas ao corpo, e não á alma, que he a que se ha de conhecer, e a que elle dizia compôr só o homem (erro, que já nós refutámos, e apontámos a pag. XXXVIII, e 3 das nossas Annotações sobre o Manual de Epicteto) por isso conclúe do seguinte modo: *Διὰ ταῦτα δὴ καὶ βίαντοι αὐται αἱ*

Porém agora mais claramente saberemos se he verdade ou não o que digo , se me responderes ao que te vou perguntar. Quem são aquelles , que sabem castigando ensinar segundo o manejo e primor da arte os cavallos ? São por ventura os que os tornão de todo ponto desmaginados , ou outros ?

Os que os tornão desmaginados.

Pois que vai ? Aquelles que sabem tornar os caens mui bem adestrados , por ventura não são os mesmos que os sabem com o devido castigo , e regularidade ensinar ?

Cer-

*τίχραι δοκοῦσιν εἶναι , καὶ οἶν ἀνδρῶς ἀγαθοῦ μαθήματα .*  
 Eis-aquí porque todas estas artes parecem ser vis e sordidas , e por consequencia occupações indignas de um homem honrado , e bem nascido. Alem dos Auctores , que fiação allegados , veja o Leitor , pois he dignissimo de se ver a este respeito , Aristóteles ( *Politic. L. III. c. 3.* ) e Cícero no livro I. *sobre as Obrigações Civis* , cap. 44. da Traducção de Miguel Antonio Ciera , a pag. 143.

Porém agora : Diz que o proprio e germano emprêgo da Filosofia consiste em reger os homens , isto he , não só em cada um delles olhar por si , e com decencia manter a sua vida , mas em ser igualmente bem governada a Sociedade do genero humano. de Serres.

Certo que sim.

Logo não he uma e a mesma arte, a que os torna de todo ponto indus-  
triados, e que regularmente casti-  
gando os ensina?

Affim digo eu, respondeo elle.

Pois que dizes? Por ventura esta  
Arte, que torna os ditos animaes com  
maior vantajem indus-  
triados, e que regularmente castigando os ensina, he  
tambem a mesma, que distingue e  
conhece os bons e os máos, ou he  
alguma outra differente?

He a mesma, respondeo elle.

Quererás tu pois, lhe tornei eu,  
conceder o mesmo a respeito dos ho-  
mens, e vem a ser, que esta Arte,  
que os faz optimos, he aquella mes-  
ma, que não só recta e devidamente  
os castiga, mas tambem a que distin-  
gue os bons, e os máos?

Tambem he a mesma, respon-  
deo elle.

Por ventura a arte, que distin-  
gue um, não he a mesma, que dis-

tingue muitos; e a que distingue muitos, não distingue do mesmo modo a um?

- Isso não tem dúvida.

E a respeito dos cavallos, tornei eu, e de todos os outros animaes, não corre o mesmo parallélo?

Affim he.

Qual he pois aquella sciencia, ou arte, que nas Cidades pune justamente os homens rebeldes, e transgressores das leis a que estão sujeitos? Não he a Judicatura?

Sem dúvida.

E fóra desta dás por acaso a alguma outra arte o nome de Justiça?

A nenhuma outra.

Por ventura em virtude daquella mesma arte, com que punem os delinquentes, não he que os Juizes igualmente conhecem e distinguem os bons e os máos?

Com a mesma.

Logo o Juiz que conhece a um, conhecerá tambem a muitos?

Cer-

Certo que sim.

E todo aquelle que não conhece a muitos , não deixará de conhecer tambem a um?

Convenho no mesmo.

Visto isso tambem se um cavallo não conhece quaes são os bons ou máos da sua mesma especie , necessariamente se não conhece a si proprio?

Concórdo contigo.

E se um boi não conhece quaes são os bons , ou máos da sua especie , não he força que tambem a si mesmo se não conheça?

Affim he , respondeo elle.

E se um cão estiver tambem nesta falta de conhecimento ; não diremos delle o mesmo que dos outros animaes?

Confessou que sim.

Pois que? Se alguem , depois de ser homem , ignora quaes são os bons , e os máos homens , por ventura não se ignora tambem a si mesmo , se he bom ,

bom , ou máo , ainda que seja homem?

Affentio a isto.

Ora , e não se conhecer cada um a si mesmo he propriedade de sabio , ou de ignorante?

De ignorante.

Visto isso , em se conhecer cada um a si mesmo consiste o ser sabio ?

Consiste , respondeo elle.

Lo-

*De ignorante* : Por isso he criminosa em todo o homem a falta deste conhecimento , como diz Boecio (na *Prosa V* do livro II.) por estas palavras : *Humanæ quippe naturæ hæc conditio est , ut tum tantum ceteris rebus , cum se cognoscit , excellat : eadem tamen infra bestias redigatur , si se nosse deserit. Nam ceteris animalibus sese ignorare , natura est : hominibus vero , vitio venit. Quer dizer* : Por quanto esta he a condição da natureza humana , que só então quando se conhece , fica superior ás outras coisas : e com tudo se reduz a peor estado que o dos brutos , quando deixa de ter este conhecimento. A razão disto he , porque os outros animaes tem por natureza não se conhecerem ; e aos homens esta ignorancia resulta em descredito , pois de ordinario he por sua culpa.

*Visto isso* : O conhecimento , que tem cada um de si mesmo (coisa por certo digna de observação , como adverte Forster) he a solida base , em que Sócrates faz estribar a felicidade do homem , e que estabelece aqui , e noutros lugares mais , como unico fundamento e principio da verdadeira Filosofia , contentando-se com a bem resumida , mas nervosa definição , que agora lhe dá , mostrando que consiste no **PRO-**

Logo isto, como parece, e aquella letra, que na entrada tinha o templo

**PRIOR CONHECIMENTO** continuamente inculcado pelo Oraculo de Apollo: pois aquella sentença *Γινώσκεισθαι σεαυτὸν*, *Conhece-te a ti mesmo*, que Juvenal (*Satir. XI. v. 27.*) diz ter descido do Ceo, e que estava gravada na fachada, ou frontispicio do templo do mesmo Deos, mostrava estar sempre recommendando aos que nelle entravão a importantissima prática de tam bem fundado, e discreto aviso, que envolve pontos de doutrina tam interessante, que, ainda que muitos (veja-se Heitor Pinto a pag. 21.) o attribuição a varios Filósofos, não teve na sua origem por auctor senão ao Deos Apollo, como se póde ver em Macrobio (*L. I. in Somn. Scip. c. 9.*) e em Cicero (*de Legib. L. I. quasi no fim*) por estas palavras: *Haec enim una (sc. Philosophia) nos cum ceteras res omnes, tum quod est difficillimum docuit ut nosmetipsos nosceremus: cuius praecepti tanta vis, tanta sententia est, ut ea non homini cuiquam, sed Delphico Deo tribueretur.* Quer dizer: *Só esta Filosofia pois he que nos ensinou assim todas as outras coisas, como a mais difficultosa dellas, que he o conhecerno-nos a nós mesmos; preceito, que tem tanta energia, e cuja intelligencia comprehende tam grandes objectos, que se attribuiu esta sentença não a qualquer homem, porém ao Deos de Delfos.* O Leitor que desejar saber a extensão deste preceito, achalo-ha exposto pelo mesmo Sócrates principalmente em Platão no *I. Alcibiades*, e em Xenofonte no livro *IV. 2. das Memorias Historicas das Sentenças e Acções do mencionado Filosofo.* A respeito da difficultade do conhecimento proprio, confira-se Plauto in *Pseudol. Act. IV. Sc. 2. v. 17, e 18.*

**Letra:** Parece que se não póde traduzir mais literalmente o *γινώσκεισθαι* do Grego, nem em melhor Portuguez, pois he de Fr. Luiz de Sousa (*Parte I. L.*

plo de Apollo em Delfos , nos está recommendando que exercitemos a Sabedoria , e a Justiça ?

Affim parece.

E com esta mesma arte sabere-mos nós castigar justamente os máos ?

Digo que sim.

Não he pois a Justiça a com que nós sabemos devidamente castigar os máos , e a Sabedoria igualmente a com que podemos tanto a nós mesmos , como aos outros differençar , e conhecer ?

Affim parece , respondeo elle.

Logo a Justiça , e a Sabedoria he tudo o mesmo ?

Está claro.

Como tambem até as Cidades então andão bem governadas , quando os malfeitores são castigados ?

Dizes a verdade , respondeo elle.

E isto he que se chama Politica ?

Tambem conveio no mesmo.

Pois

VI. da *Historia de S. Dom.* cap. 19.) a quem seguimos , tomando a palavra *Letra* , já se vê , na accção de *Sentença brevissima e conceituosa*.

Pois que te parece? Quando um homem governa bem qualquer Cidade, ou Estado, por ventura não se lhe dá o nome de Tyranno, e de Rei?

Affim he.

Ora

*O nome de Tyranno, e de Rei?* Aqui toma-se em boa parte o vocabulo de *Tyranno*, como synonymo de *Rei*, *Monarca*, *Soberano*, *Principe*, accepção, em que se acha usado por muitos Auçlores affim Gregos, como Latinos, que o Leitor póde ver em la Cerda sobre o verso 266 do livro VII da Eneida de Virgilio: *Pars mihi pacis erit dextram tetigisse tyranni*. Aos quaes poderemos acrescentar aquelle verso de Ennio apontado, além de outros, por Cornificio, ou por quem quer que he o Auçtor *ad Herennium* L. IV. 12. o qual diz affim:

*O Tite, tute, Tati, tibi tanta, Tyranne, tulisti!*

Quer dizer: *Tu mesmo a ti, ó Tyranno Tito Tacio, causaste tantas desgraças!* Ou começando pelas mesmas letras, como no Latim: *Tu, ó Tyranno Tito Tacio, te receste tantos trabalhos!* Este Tito Tacio, que foi declarado Rei dos Romanos com um poder igual ao de Romulo, por não querer ceder a este em certo ponto de governo, foi causa de muitas mortes alheias, e da propria, que são os trabalhos, de que certamente falla Ennio no referido verso. Não negamos porém que talvez lhe chame *Tyranno*, por se ter mostrado com a sua teima inimigo de si mesmo, e dos outros, pelo que tambem lhes causou. Veja o Leitor as circumstancias, e motivos da morte deste Rei bellicosissimo em Dionysio de Halicarnasso (*Antig. Roman. L. II. c. 51, e segg.*) e a respeito do nome de *Tyranno* confira igualmente o Escoliaſte de Sófocles sobre a

Ora e este não governa com a arte Real, e Tyrannica?

Sem dúvida.

E em fim estas artes são as mesmas que aquellas, de que nós acabámos de fallar.

Parecem as mesmas.

E que dirás a isto? Quando um particular governa bem a sua casa e familia, que nome se lhe dá? Não se chama a este tal Ecónomo, e Senhor?

Sim.

Logo este governa por ventura igualmente bem a sua casa pela Justiça, ou por alguma outra arte?

Pela Justiça.

Dêsse modo, como parece, Rei, Tyranno, Politico, Ecónomo, Senhor, Sabio, Justo, vem tudo a ser o mesmo; e por consequência Reinado, Tyrannia, Política, Economia, Senho-

Tragedia intitulada : *Edipo Rei*, com o *Itinerario* de Claudio Rutilio Numaciano (L. I. v. 85.) e ultimamente Balthasar Telles na *Historia de Ethiopia a Alta* pag. 77. col. 1.

nhorio , Sabedoria , Justiça , não he mais do que uma só Arte?

Affim parece.

Pois que imaginas? Por ventura será vergonha para o Filosofo , quando um Medico fallar alguma coisa diante delle a respeito de enfermidades, não alcançar o que elle diz, nem poder absolutamente nellas interpor o seu juizo? E quando outro qualquer Artifice fallar da sua Arte, servir-lheha tambem de affronta e desdoiro ficar em jejum sem no acabar de perceber? E quando um Magistrado, ou um Rei , ou algum outro daquelles, cuja enumeração agora fizemos , praticar no seu ministerio, não será tambem descredito e ignominia para elle, não poder nisto mesmo entendêlos, nem dar o seu voto ácerca do que  
alli

*Não he mais do que uma só Arte:* Além do que já dissemos contra a explicação de Tiedemann, se o Leitor ainda estiver com dúvida sobre o sentido em que falla Sócrates, veja o *Politico* de Platão a pag. 7, 8, e 9 do Volume VI. da Edição Bipontina, e o mesmo Tiedemann a pag. 154 dos seus *Argumentos* a Platão.

alli estiverem fallando , e discorrendo?

Como deixaria de lhe ferver , ó Sócrates , de ignominia , e descredito , não dizer uma só palavra sobre materias tam importantes?

Logo nós , lhe tornei eu , haveremos de estabelecer por ventura que até nestas mesmas coisas deve ser o Filosofo , como o Pentáthlo de que fallámos , e inferior aos Mestres , não tendo mais que o segundo lugar entre

*Deve ser o Filosofo , como o Pentáthlo :* He esta uma recapitulação de todo o Discurso antecedente dividida em dois artigos e principios fundamentaes. O primeiro he : Que a Filosofia na theoria de todas as coisas he Architectónica ; e o segundo : Que o ministerio proprio da mesma Filosofia he empregar-se no governo dos homens tanto em particular , como em geral , para que a não figuremos ser algum vão e infructuoso conhecimento. Foi pois Sócrates o primeiro que introduzio esta norma de filosofar , tendo feito descer do Ceo , e collocando no meio da Sociedade dos homens a verdadeira Filosofia , que he a Moral. Por quanto nos tempos antes de Socrates occupava-se todo o estudo da Filosofia em disputas , e observações Mathematicas. *de Serres.*

Veja o Leitor a força do termo *Architectónico* em Filippe Nunes a pag. 42 v. da sua *Arte da Pintura* , que sahio impressa em Lisboa no anno de 1615.

tre todos elles, e por isso declarar-se inutil em quanto houver algum dos taes Professores, e Artifices? Ou diremos antes que, devendo elle gozar da primazia de Mestre, não lhe cumpre substituir noutrem o governo da sua casa, nem ter nesta direcção o segundo lugar; mas sim reger elle mesmo a sua Familia conforme as regras da Sabedoria, e da Justiça, no caso que procure governála como deve ser?

Conveio comigo.

E finalmente se os seus amigos elegessem entre si por Arbitro ao tal

Fi-

*Arbitro*: A respeito dos Arbitros, Juizes louvados, e Commissarios dos Athenienses tratou diffusamente Budéo nos *Commentarios da Lingua Grega*, pag. 200, e segg. da Edição de Basileá em 1557 com os mais Auctores de Antiquidades. Nós contentar-nos-hemos com apontar alguns lugares de varios Auctores, que bastem para a explicação deste. Seja o primeiro o de Cicero (*Pro A. Caecina* secc. 6.) que fallando dos Commissarios, diz assim: *Omnia judicia, aut distrahendarum controversiarum, aut puniendorum maleficiorum causa reperta sunt: quorum alterum levius est, propterea quod & minus laedit, & persaepe disceptatore domestico dijudicatur: alterum est vehementissimum, quod & ad graviores res pertinet, & non honorariam operam amici, sed severitatem judicis, ac vim requirit.* Quer dizer: Todos os Juizes e Tribunaes forão estabelecidos ou por causa de

Filosofo, ou a Cidade o puzesse n'algum emprêgo em que lhe fosse necessario decidir varias controversias, e dar sentença em negocios de importancia, não seria, meu Amigo, coisa fêa, não ter elle nestas coisas mais que o segundo, ou terceiro lugar, em vez de occupar o primeiro?

Assim me parece.

Lo-

*compôr as desavenças e dissensões das partes, ou para castigar os delitos. Destas duas coisas a primeira não he de tanta ponderação, porque não só lêza menos, mas ainda se decide muitas vezes por um Arbitro de portas a dentro; porém a segunda he de gravissimas consequencias, porque se occupa tanto em objectos mais arriscados e importantes, como tambem não requer a commissão e louvamento de um amigo, antes está sem pedindo a severidade e inteireza de um Juiz inflexivel e inexoravel. Ora a differença que havia entre os Arbitros e os Juizes era a que se lê em Aristóteles (Rhetor. L. I. c. 13.) por estas palavras: ὁ γὰρ διαιτητής, τὸ ἐπιεικὲς ὄρεται ὁ δὲ δικαστής, τὸν νόμον ἢ καὶ τοῦτου ἕνεκα διαιτητής εὐρέσθαι, ὅπως τὸ ἐπιεικὲς ἰσχύῃ. Porque todo o Arbitro não attende senão á Equidade, porém o Juiz encosta-se unicamente á Lei. E esta foi a causa porque se introduzirão os Arbitros, a saber para triumphar a Equidade. Finalmente Seneca (de Benefic. L. III. c. 7.) se queixa contra a injustiça dos Arbitros, do seguinte modo: Ideo melior videtur conditio causae bonae, si ad judicem, quam si ad arbitrum mittitur: quia illum formula includit, & certos, quos non excedat, terminos ponit: hujus libera, & nullis adstricta vinculis religio, & detrahare aliquid potest, & adjicere,*

Logo está muito longe, ó Varão boníssimo, que a Filosofia seja um mero amor de todas as Sciencias, e um ancioso e diligente exercicio de todas as Artes. A estas minhas palavras, o Sabio confundido já pela evidencia das razões, que me ouvira dar, ficou sem abrir boca, e o Ignorante conveio no que eu dizia, e os mais circumstantes applaudirão, e victorearão tudo quanto eu alli tinha disputado, e proferido.

*Et sententiam suam, non prout lex, aut justitia suadet, sed prout humanitas aut misericordia impulit, regere.* Vem a dizer: Por esta razão me parece que está de melhor partido a causa justa, se he antes remettida a um Juiz ordinario, do que a um Arbitro; por quanto áquelle ata as mãos a formula e rigor do Direito, e lhe põe certas balizas que não exceda: e a consciencia deste livre daquellas legalidades, e sem ter quem na prenda, pôde assim tirar, como accrescentar, e ordenar a sua sentença, não como dispõe as leis e a Justiça, mas conforme lhe suggerio a sua humanidade, ou compaixão. Confira-se, além de outros muitos, Terencio in *Heautontim. Act. III. Sc. 1. v. 94.* e in *Adelph. Act. I. Sc. 2. v. 43.*

Logo está muito longe: Tal he a decisiva conclusão do presente Dialogo, em que Socrates deixa evidentemente provada a verdade do seu raciocinio, e convencido o erro do seu contrario.

F I M.

